

he hum amor vehemente, que se acompanha de algum impeto, ou desejo de tornar pelo bem da cousa amada. He hũa affeição fervorosa, que se redus a mayor perfeição, não podendo ver danno no bem que ama, & vingando afrontas, que se lhe fazem.

Consideração segunda.

E Ste zelo tem Deos perfeitissimo para com os homens, & elle mesmo se nomea muitas vezes por Deos zelador: *Deus zelotes*, o que nelle diz perfeição, & ainda que em Deos se não pôde dar alteração algũa de impeto, ou de dor, dizemos com tudo que he zelador, & que se doe de nós, & se indigna contra peccadores, & que nas entranhas sente nossos males, como elle diz por Jeremias: *Adhuc recordabor ejus, idcirco conturbata sunt viscera mea super eum*. Ainda me lembrarei do peccador, que por isso se commovèraõ minhas entranhas a compayxaõ. E em se dizer que tem Deos zelo de nossas almas, se mostra o grande amor que nos tem, o qual não sofre que empregemos nosso amor, senão nelle, & de ver o contrario disto tem grande impaciencia, donde succede tirarnos muitas vezes desta vida as pessoas, que mais amamos, porque nos roubaõ o amor que houveramos de dar a Deos. Puseraõ os Filisteos a Arca do Senhor junto ao seu deos Dagon: & a Arca de Deos tendo sua colera, & payxaõ, deu com o idolo em terra, quebrando-lhe as mãos, & a cabeça, & lançando-o a seus pés, tudo com zelo, vendo que este idolo lhe usurpava sua honra, & roubava os tributos de seu amor, porque aquelle que os homens lhe haviaõ de ter, tinhaõ a hũa estatua de pao. Este he o seu zelo, por isso se chama Deos zeloso, porque o he de nosso amor. Tãbem o zelo fãto q̃ os homens tem, nasce do amor q̃ a Deos tem; nẽ se acha verdadeiro zelo, senão em almas abrasadas em seu amor.

He

Exod.

20.

Exod.

34.

Ierem.

31.

1. Reg. 5,

He o zelo hum fogo que queima suavemente, como o Cinnamonomo, com o qual foraõ os Santos inflammados, como Elias, que padecendo muitas afflicções por zelar a Ley de Deos, dizia: *Zelo zelatus sum pro Domino exercituum.* 3. Reg. 19.
 Deste estava cheyo o Apostolo S. Paulo, quando admoestando, & reprehendendo vicios, & defeitos, dizia aos de Corinto, que os zelava com zelo de Deos, & amor paternal. S. Chrystomo considerando o fervor, & cuidado com que Timotheo discipulo de S. Paulo trattava as cousas da Fé, & a diligencia com que hia a hūas, & outras partes, sendo enfermo, & fraco, diz que a tudo o ajudava o zelo de Deos, este lhe dava forças, & azas para voar: *Tantum valet zelus in Deum, tam leves efficit alas.* Chryf.
 Tanto val o zelo para com Deos, taõ ligeyras azas dà a quem o tem. Os corpos pesados (diz este Santo) sentem mayores inconvenientes quando a natureza da pessoa he mais freimatica, & preguiçosa. Os fracos, & debilitados pódem com muito trabalho quando tem viveza, & fervor de espirito. Quem tiver zelo de Deos, que he fogo de amor divino na alma, nada lhe parecerà difficultoso, nem lhe faltaraõ forças para o acometer. Queima este fogo as almas santas, como queimava a David quando dizia: *Zelus domus tue comedit me.* Psal. 68.
 O zelo da vossa casa Senhor, me come, & me consome. O manjar que se come, muda-se em substância de quem o come, assim o que no fogo se queima, he mudado em natureza de fogo. Este se diz que come, & traga, como se fora coufa viva: *Iuvenes eorum comedit ignis,* diz David. Pois deste modo o que zela as cousas de Deos he comido, & tragado Psal. 77.
 do fogo de seu santo zelo, & cõvertido em a natureza de fogo, cõ vehemência, & generosidade zela a honra de seu Deos, a sua Ley, os seus preceitos, naõ pretendendo mais q̄ ser este Senhor bem servido, & adorado. Com estas chãmas de zelo divino se fiseraõ muitos taõ constantes, que nem tormentos, nem perseguições, que padeceraõ, os apartaraõ do amor

amor divino. Com estas perseveravaõ os Profetas em admoestar, & reprehender aos Principes, & seus inferiores, sem desfistirem até a morte. Com estas padecèraõ tantos Martyres taõ diversos, & rigorosos martyrios. Com estas dizia o Apostolo S. Paulo q̄ estava aparelhado, naõ sómente a ser preso, mas a morrer por amor de Christo Jesu: *Ego non solum alligari, sed & mori paratus sum.*

Act. 11.

Consideração terceira.

S Aõ mysteriosas aquellas palavras dos Canticos, aonde a Alma Santa diz, que o zelo he duro como o inferno: *Dura sicut infernus æmulatio.* Aonde *æmulatio* quer dizer zelo: & chamarlhe duro como o inferno he pelas grandes dores que padece quem tendo zelo de Deos, vê que he esse Senhor offendido, como dizia David: *Tabescere me fecit zelus meus*: este meu zelo me consome, & acaba com dores, todo me vay myrrhando, & cõsumindo. A rafaõ logo a dà: *Quia oblitum sunt verba tua inimici mei.* Morro com ver que se esquecem de vossas palavras meus inimigos. Vejo que se naõ guardaõ vossas leys, que vos offendem muitos sem temor algum, dores de inferno para mim. E em outro lugar o diz claramente: *Dolores inferni circumdederunt me.* Dores do inferno me cercaraõ; porque naõ se sentem menos as offensas que se fazem contra vòs meu Deos.

Ps. 118.

Ps. 118.

Ps. 17.

Compara-se o zelo ao inferno, porque ainda que as dores que com elle se padecem, sejaõ de morte, com tudo naõ acaba de morrer com ellas quem as padece, julgando-as por eternas, como saõ as do inferno. Ou porque assim como o inferno se naõ farta com receber mais, & mais, assim o zelo santo se naõ dà nunca por satisfeito com grandes augmentos que veja na honra, & gloria de Deos: deseja que vaõ sempre avante, & procura accrescentallos sempre mais. Chama-se tambem o zelo inferno, porque querendo a Alma Santa

Santa comparar seu grande amor a cousas grandes, & poderosas, comparou-o a tres mais poderosas que achou, como morte, inferno, fogo. E diz que o zelo he duro, porque faz endurecer, & perseverar até a morte os Santos que o possuem: porque assim se mostraõ duros, & empedernidos em levar avante seus santos intentos, que nenhũa força do mundo pôde quebrar taõ duros diamantes da Fé. Esta dureza mostrava S. Paulo quando dizia, que nem trabalhos, nem perseguições, nem tormentos, nem a morte, nem os Anjos, nem os Principados o poderiaõ apartar do amor de Deos. Esta he a viveza do Cinnamomo, esta sua perpetuidade, este seu fervor, suavidade, & fragrança.

Rom. 8.

Consideração quarta.

S Gregorio Papa dà outras razões, porque o zelo se chama duro: & compara-o àquella certã, ou frigideira de ferro, que Deos mandava a Ezequiel, que a pusesse entre si, & o muro da Cidade. O ferro he metal, diz elle, & na certã se frege o comer, pois que se entende por ella, senão o zelo forte: porque tudo o espirital zelo frege, & atormenta a alma de quem o tem. E entã se afflige esta quando vê deixarem-se as cousas eternas, por se amar as terrenas. Que cousa era o coração de S. Paulo, senão hũa frigideira de ferro, em que ardia o zelo de Deos contra os vicios, & o amor das virtudes contra os peccados? *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Dizia elle. Quem está enfermo, que eu com elle o não esteja? Quem se escandaliza, que eu me não queime? *Quod enim urebatur sartago erat.* Diz este Santo: em se queimar mostra que era certã. Ardia, & queimava-se na amargura, mas nella aparelhava alimentos de virtudes. Mandava Deos, que certo sacrificio que se lhe havia de offerecer feito com farinha, & azeyte, fosse frito na certã; & entã diz este Santo, que se frigia este sacrificio: *Cùm mun-*

Gregor.

2. Cor. 12

Gregor.

Levit. 6.

Gregor.

da

da mens justis per zelum sancti amoris crematur : quando a limpa alma do Justo era queimada pelo zelo do divino amor. O sacrificio na certã he o coração posto na afflicção do espirito ao zelo, o qual he affligido com a sollicitação das almas, & entã he sacrificio muito aceito a Deos.

Assim como ha zelo bom que leva a Deos, tambem ha zelo maligno que aparta de Deos, & leva ao inferno, & este he quando a pessoa he levada a zelar as cousas com odio, & payxaõ que tem, & com elle deseja vingança de quem zela. Deste zelo fala S. Chrystomo quando diz. Louvo porque vos doeis da ignavia de vossos irmãos, & espantome do zelo, porque quiserã que temperasseis zelo com misericordia: *Zelus enim Dei veniam negans, potius furor est, quàm zelus.* Zelo de Deos que zelando a afronta que se lhe faz, não quer perdoar, não he zelo senã furor de odio, & payxaõ; porque o bom zelo, acompanha-se da caridade, & esta perdoa, & não sabe negar perdaõ; esta tudo faz com brandura, & misericordia. Pelo que diz o Santo: peço-vos muito que sem payxaõ olheis as feridas de vossos irmãos: compadecei-vos de seus males, porque acheis quem se cõpadeça dos vossos quando os tiverdes.

Chryst.

Cedro.

Excellencia.

Consideração primeira.

O Cedro he arvore muy celebre nas divinas letras, & proveitosissima para muitas cousas, que nasce nos mais altos montes de Fenicia, cuja madeira não sente corrupção, nem bicho a toca, nem o tempo tira o cheiro, & della diz Santo Ambrosio muitos louvores. Teve entre os Hebreos principal lugar das arvores, & Salamaõ lho deu, pois

pois consta da divina Escrittura, que escrevendo elle da natureza, & virtude de todas as plantas, a primeira porque começou, foi o Cedro, & a ultima em que acabou, foi o Hyssopo: *Qua nascitur in pariete*. Não pôde tão excellente arvore deixar de ter bom significado, & metaforicamente se toma as mais das vezes na sagrada Escrittura à boa parte, significando-se por ella tudo o que diz excellencia. Por isso a Alma Santa nos Cantares compára seu divino Esposo ao Cedro: *Electus ut Cedrus*, chamalhe escolhido como Cedro, porque na excellencia, & dignidade não tem semelhante, entre os filhos dos homens superior a todos, como o Cedro a todas as plantas. A elle se compára a mesma Sabedoria Divina, dizendo de si, que he levantada como o Cedro do monte Libano: porque tem excellencia, magestade, & soberania sobre todas as cousas nesses eternos montes, aonde está alumeando. Libano quer dizer monte alvo, & nelle se significa a Igreja Catholica, pura, & candida, na qual a Sabedoria de Deos he exaltada, & engrandecida, como o Cedro he nos montes de Fenicia, aonde cresce, & se levanta em admiravel altura. E como Lyrano diz: Christo Sabedoria de Deos tomando carne humana, & nascendo humildemente no Presepio de Belém, como Cedro se foi logo levantando, visitado-o Pastores, apregoando-o Estrelas, & adorando-o Reys do Oriente. A poz isso se foi mostrando excellente em virtudes, & milagres até o alto da Cruz, aonde vendo-o a Pastora do Ceo, lhe chamou: *Electus ut Cedrus*, porque alli mostrou sua grandesa, alli deu cheiro suavissimo que trouxe tudo a si. Dalli sendo sepultado na terra, não sentio corrupção, porque era Cedro escolhido. He em excellencias, & maravilhas aquelle grande Cedro, de que diz Ezequias: *Erit in Cedrum magnam, & habitabunt sub ea volucres Celi*. Ainda que o vejais Menino em hum Presepio, he grande no poder, & farse-ha hum grande Cedro, debaixo do qual se agasalharão aves do Ceo,

3. Reg. 4.

Cant. 5.

Eccl. 24.

Lyrano.

Cant. 5.

Psal. 15.

Ezech.

17.

aonde Theodoreto nota, que não diz, que debaixo deste Cedro se agafalharão animaes da terra, mas aves do Ceo; porque à sombra de Christo, arvore soberanissima, não se agafalhão infieis, nem peccadores, que como animaes terrestres andão pelo chão, mas as almas santas, que cõ as azas da Fé, & da Esperança voão às alturas do Ceo. He Christo Cedro, que disse de si aos Judeos, que muito antes de Abraham nascer já elle era: *Antequam Abraham fieret, ego sum.* ¶ Estranhando Deos a arrogancia de Joaquim Rey de Israel, diz que o havia de abater, porque se comparava ao Cedro: *Quoniam confers te Cedro.* Porque se fazia excellente, & levantado como o Cedro, gloriando-se em seu poder, & riquezas, imaginando que não tinha igual, & que era entre os homens como Cedro entre as arvores.

Ioan. 8.

Hier. 22

Consideração segunda.

Porque o Cedro significa excellencia, por elles são entendidos os Patriarcas, Profetas, & Doutores sagrados da Igreja de Deos, que forão excellentes em virtudes, & graças soberanas. Santo Augustinho, & S. Jeronymo declarando aquelle verso de David: *Operuit montes umbra ejus, & arbusta ejus Cedros Dei,* dizem que então cobrio a sombra os altos montes, & o arvoredos Cedros de Deos, quando o povo Christão significado neste arvoredos, abraçou o que os Profetas, & Doutores sagrados differão com tanta excellencia de mysterios, que com rasoão são chamados montes, & Cedros de grandezas, & prerogativas. Por isso o Justo he comparado ao Cedro do monte Libano: *Sicut Cedrus Libani multiplicabitur:* porque cada dia cresce, & se multiplica mais com o cheiro das virtudes, com a excellencia da contemplação, & com o desejo de eterna vida, & incorrupção de santos costumes. Por isso comparou o Espirito Santo o Summo Sacerdote Onias ao Cedro: *Sicut plantatio*

August.

Hieron.

Psal. 79.

Psal. 91.

Eccl. 30.

plantatio Cedri in monte Libano: porque julgou por digno de louvores excellentes, o que na verdade o foi em virtudes, & raro resplendor de santidade. Também quando Baalão vio a quietação, & locego do povo de Israel, situado em hũa campina com suas tendas, & tabernaculos, os cóparou aos Cedros junto das agoas: *Quasi Cedri prope aquas*: Num 24. julgando os por gente justa, & inculpavel, povo que Deos favorecia, & crescia em grandezas, como Cedros junto das agoas. Por isso diz David, que louvem ao Senhor as arvores fructiferas, & todos os Cedros: *Ligna fructifera, & omnes Cedri*. Entendendo os Justos, & Santos varões, que sendo dotados de excellencias altissimas, pôdem louvar o soberano Rey da Gloria. Por Isaias diz Deos, que porà no deserto o Cedro: *Dabo in solitudine Cedrum*. O que expondo S. Jeronymo, diz que no deserto da Gentilidade, & nas brenhas da idolatria poz Deos a excellencia da Fé de Christo, a virtude dos Apostolos, & a santidade dos Justos, com que se multiplicará como Cedro o fructo da Igreja Catholica de forte, que o que de antes era deserto, se converteo em hum vergel, & paraíso de deleites. *Isai. 4.*

Do Cedro significar excellencia nasceo, que quando vemos a alguem falar cousas subidas, & excellentes, dizemos delle: *Cedro digna locutus*: falou cousas dignas de se adornarem com Cedro; porque as boas sentenças, poeias, & epigrammas, que antigamente contentavão aos curiosos, mandavão se escrever em taboas com guarnições, & perfis de Cedro, que era a mais presada madeira que naquelle tempo havia em Roma: ou porque como o Cedro he incorrupto, assim julgavão que aquellas scritturas merecião ser immortaes, & daqui nasceo este proverbio: *Cedro digna locutus*. ¶ Na sagrada Escriitura não se contém fabulas; mas se alguma parabola, ou comparação tem semelhança de fabula, he aquella que se conta do Cedro do monte Libano, a quem o Cardo mandou

hũa embayxada, que lhe dèsse hũa filha para molher de hũ seu filho: *Carduus Libani misit ad Cedrũ, dicens: Da filiam tuam filio meo uxorem.* E que tratando-se disto, vierão as bestas feras por aquelle monte que pisavão, & maltratavão o Cardo, do que elle se deu por aggravado. Debai-xo desta figura quiz o autor della, Joas Rey de Israel, dar a entender a outro Rey seu visinho, que entre elles havia tão grande desigualdade, como vay do Cardo ao Cedro altissimo do monte Libano, sendo elle por geração tão nobre, & excellente como o Cedro, & o outro tão baixo, & vil, como he o Cardo. Assim que ainda neste lugar o Cedro significa excellencia, & superioridade.

Nardo.

Devoção.

*Consideração primeira.**Cant. 4.*

O Nardo he hũa das plantas aromaticas do mysterioso jardim do Esposo, de que se fala em outros mais lugares da sagrada Escriitura. Acha-se em hum monte da Syria região propinqua à de Palestina, & em hũa montanha da India, junto da qual passa o Rio Ganges. He planta muy excellente, & muy cheirosa, que conserva por muito tempo a suavidade do seu cheiro; o sabor amargoso, & agudo. Chama-se o Nardo ordinariamente Espicanardi, não porque seja espiga, senão porque o parece ser o fructo, que delle vem a estas partes para remedio de muitas enfermidades. Como do Nardo, & Cypro se faça aquelle unguento precioso, & de muita fragrancia, com que a Magdalena Santa ungiu a Cabeça do Salvador do mundo, por elle he significada a devoção, & fervor de espirito, que tão suave cheiro tem na presença de Deos.

*Ioan. 12.**Luc. 7.*

Com

Com este Nardo da devoção nos chegamos a elle por muitas obras santas, & virtuosas mortificados ao mundo, & renunciando suas cousas. ¶ Então diz Cassiodoro se acha o Nardo no jardim da Igreja, quando os Justos com a virtude da devoção cuidão, & meditaõ na morte, & Payxaõ de Christo, & lhe daõ muitas graças de querer morrer por amor dos homens. Entaõ diz Ricardo Padre antigo, floresce o Nardo na horta da Igreja, entaõ se unge com elle o Corpo do Redemptor, quando devotamente, & de coração amamos a Deos, & he tal o fervor de nosso espirito, que não somos vencidos com o fogo da tribulaçaõ, porque a graça de Deos nos fortalece, & a devoção nos tras recolhidos com ella. A fermosura da santidade com a devoção se alcança. O agradar hũa alma a Deos como paraíso de deleites seus, està em ser devota, & muy afervorada em seu serviço, & amor. A devoção por isso he significada debaixo da metafora de unguento, & confeições cheirosas, porque em nenhũa cousa se póde melhor representar a suavidade, & fragrancia que Deos recebe de nossa devoção, que em cousas cheirosas. E porque a alma he levada a Deos com a doçura da devoção, estes são os unguentos a poz os quaes (como diz S. Bernardo) a Alma Santa deseja correr: *Curremus in odorem unguentorum tuorum*: porque quando se vê falta de espirituas consolações, deseja que lhe dè o cheiro suave da devoção, para com ella voar a Deos, porque tanto que lhe der este cheiro na alma: *Ascendet torpor, & revertetur devotio*, diz o Santo, tanto que me chegar a fragrancia deste unguento afastar-se-ha a tibieza, & frouxidaõ que tenho, & tornarà a devoção que agora me falta.

Cassiod.

Ricard.

Ioan. 12.

Bernar.
Cant. 1.

Bernar.

Consideração segunda.

HE a devoção aquella nevoa de perfume cheiroso, que se levanta pelo deserto, de que espantados os Anjos perguntão: *Quæ est ista, quæ ascendit per desertum sicut virgula fumi ex aromatibus?* Esta nevoa de perfume se levanta do fogo da caridade. E porque Deos disse, que morava na nevoa: *Dominus dixit inhabitare in nebulam*, então se diz, que morava Deos nella, quando estando a alma cheia de devoção, & fervor de espirito, faz aposento nella, tirandolhe que não veja outra cousa mais, que a elle mesmo, & se esqueça de tudo. Quando o caminhante caminha em manhã de nevoa, não vê mais que o caminho a par de si, & nada mais adiante, passada a nevoa, vê tudo o que se lhe escondia; a devoção he fumo espiritual, & nevoa que Deos levanta na alma do Justo, & tem esta natureza, que durando ella, não deixa ver mais que esse caminho que leva ao Ceo. Passada a devoção ve-se tudo o mais que melhor fora não ver, conservando-se sempre a nevoa, se fora possível. Sóbe esta devoção pelo deserto, porque a alma devota quer-se só, & sem companhia que a inquiete: & esta soledade ha de ser corporal, & espiritual, buscando-se hũa em deserto, & outra na alma. A do defeito buscavão antigamente os Santos nos ermos, & agora os Religiosos na clausura de suas Religiões, a da alma busca quem de veras se quer dar a Deos em toda a parte, afastando de si toda a companhia de pensamentos, que não sejam de Deos, porque pouco monta estar solitario com o corpo, se a alma muitas vezes anda vagueando com o pensamento por diversas partes. Por este deserto sóbe a devoção: *Sicut virgula fumi*, levantando-se das chammas da caridade, & offerecendo-se a Deos como o perfume da caçoula sóbe ao alto, lançando cheiro suavissimo. Assim quer S. Paulo que pela devoção levantada do

fogo

fogo do amor de Deos, offereçamos a esse mesmo Senhor nossa alma: *Hostiam viventem in odorem suavitatis.* A alma devota cheira a todas as virtudes: porque sendo devota, he humilde, paciente, & afervorada, abstinente, & pobre de espirito; cheira a todas as virtudes, & tem de mais excellencia, que as outras virtudes offerecem a Deos o corpo, mas a devoção offerece a alma: as outras appresentão mortificação, penitencia, jejum, & esmolas, mas a devoção a mesma alma, o espirito, a vontade, & coração: *Hostiam viventem*, hum sacrificio, hũa hostia viva para cheiro de suavidade. E tem de natureza appresentarse, & derramar-se toda diante de Deos com affectos do coração mais que do corpo. Assim diz David: *Effundite coram illo corda vestra.* Se sois vaso de cheiro aromatico, se sois caçoula de suave perfume, se tendes unguento de devoção, derramai diante de Deos vossos corações, para que elle se agrade de vosso cheiro. E este derramar de corações quer elle que seja como a agoa: *Sicut aqua effusus sum.* Ou como claramente o diz Jeremias: *Effunde sicut aquam cor tuum ante Dominum.* Derramai como agoa vosso coração ante o Senhor. A agoa quando sóbe, he com aperto que se lhe faz, & assim como sóbe desce tambem. A alma devota sóbe a Deos com as chammas da caridade, & desce pela humildade. Assim acontecia a S. Paulo quando diz de sua devoção: *Sive mente excedimus Deo, sive sobrij sumus vobis, charitas Christi urget nos.* Se com o entendimento me levanto, a Deos me levanto: se com a temperança desço, he para bem, & proveito vosso, & a caridade he a que me aperta, & obriga a tudo isto; se subo a conversar com Deos, tambem desço a tratar com vosco de vosso remedio: sou como agoa, q̄ reprimida sóbe, & desce. O amor de Deos he o q̄ me constringe a tudo isto: *Charitas Christi urget nos.*

Eph. 3.

Psal. 61.

Psal. 21.

Ibren. 2.

2. Cor. 5.

Consideração terceira.

A Devoção faz hũa alma esposa de Christo, com tantas graças, & perfeições, que pondo o mesmo Esposo os olhos nella lhe diz: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa.* Feristefme o coração, Irmã minha Esposa. Aonde he de notar, que chama Deos à alma devota Irmã, & Esposa, Irmã por graça, Esposa por uniaõ. Irmã pela graça com que Christo a justificou, & Esposa pela uniaõ com a qual Christo, & ella são hũa cousa, porque no divino desposorio ficaõ sendo a mesma cousa, a alma devota, & Christo. Como diz S. Paulo: *Qui adheret Deo, unus spiritus est.* Aquelle que se chega a Deos, & se une com elle, he o mesmo espirito com elle, & entaõ o he quando por actual devoção tem sempre a vontade disposta para fazer aquillo que pertence a gloria de Christo, & em outra cousa não cuida, senão as que são de seu Esposo celestial, & assim fica sendo grande perfeição da alma devota chamar-se Irmã, & Esposa de Christo. Porque nem todas as almas que estão em graça são Esposas de Christo, ainda que sejaõ Irmãs de Christo, porque ha muitas que estando sem peccado mortaõ tem graça, mas não alcançaõ esta uniaõ com Christo, sendo como mulheres casadas, das quaes diz S. Paulo, que trazem o pensamento no mundo, & como haõ de contentar ao marido da terra. E estas não pôdem dizer com David: *Mibi autem adherere Deo bonum est, ponere in Domino Deo meo, spem meam.* Bom, & acertado me he chegarme a Deos, & pôr nelle todas minhas esperanças, o que não fazem algũas pessoas, que trattando de estar em graça, não pretendem unir-se muito a Deos por actual devoção, não cuidando mais que como o haõ de amar, & servir; & esta devoção he a que fere o coração do Esposo quando olha para ella: esta he do mesmo modo a Esposa querida, que seu Divino Esposo

Esposo não quer que despertem, quando está adormecida: *Ne evigilare faciatis dilectam, donec ipsa velit.* Quer isto dizer, que quando a devoção está como adormecida para com a alma que se sente tibia, frouxa, & sem espirito de devoção, como muitas vezes succede a algũas, não quer Deos que se faça violencia à tal alma, para que desperte ao antigo fervor, porque conforme escrevem os que trattaõ de exercicios spirituaes, quando hũa pessoa se sente indévota, não deve fazer força ao espirito para alcançar devoção, assim por fazer isso muito mal à faude do corpo, como porque com essa violencia o coração se endurece, & secca mais, fazendo-se alheyo da visitação do Ceo: pelo q̃ dizia o Abbade Isaac aos seus Monges, que nem lagrymas se tiraõ por força, nem a devoção quando está adormecida: quando a alma se sentir assim, proste-se, & humilhe-se diante da presença de Deos, alli represente sua enfermidade, & defeito, & com silêcio, & quietação espere a visita de Deos, ou faça a petição que a mesma Esposa dos Cantares fazia a seu querido Esposo: *Veni dilecte mi, egrediamur in agrũ.* Vinde querido meu, sayamos ao campo, moremos em quintas: pelo campo se entende aqui a devoção, & pelas quintas, as meditações: pois Esposo meu, já que me sinto indévota, sayamos ao prado da devoção, aonde sempre desejo estar, detendome nas meditações de vossa vida: porque da conversação dos homens não alcanço mais que distrairme, & esquecerme de vòs, & ainda que della me resultaraõ grandes bens, não quero outros mayores, que tervos a vòs, falar com vosco, & conversar com vosco, porque não ha gosto como este, nem socego igual a este.

Cant. 2.

Isaac
Ab.

Cant. 7.

Consideração quarta.

E Ste pois he o Nardo da devoção, que quando o Rey está no repouso de seu segredo celestial, entãõ lhe dà cheiro

cheiro de suavidade. La nesse Seyo do Padre aonde repou-
fa o Filho, chega a fragrancia da devoção da Alma Santa:

- Cant. 1.* *Dum esset Rex in accubitu suo, nardus mea dedit odo-
rem suum.* Por este Nardo quer Santo Ambrosio que se
Ambr. entenda neste lugar o cheiro da Fé, que se espalhou por to-
do o mundo, como Christo encarnou nas entranhas da Vir-
Bernar. gem, & acabou a obra de nossa redempção. E S. Bernardo
quer que se entenda por este Nardo o cheiro da humilda-
de, que deste valle de lagrymas sóbe ao mesmo Throno do
Origen. Rey celestial. Origenes diz, que com o unguento de Nar-
do unge a Christo quem a elle se chega com devoção da al-
ma, & obras santas, & que com esta uncção recebe o mesmo
Senhor cheiro, & suavidade. ¶ Significa o Nardo devoção
mais que outra algũa planta, porque por muitas virtudes
que hũa alma adquira, faltandolhe a devoção, & fervor de
espírito, fica muy desamparada, & as outras virtudes sem
cheiro, como no unguento do Nardo acontece, do qual
Theod. diz Theodoreto, que por mais confeições aromaticas que
lancem, & misturem, até não lançarem nelle as folhas do
Nardo, não ha comporse o tal unguento.

Tanto significa o Nardo devoção, que ainda a causaõ
aquellas palavras que trattão como a Magdalena ungio cõ
elle a Christo: assim dizia Lourenço Justiniano, que quan-
do queria ter espirito de devoção, repetia comfigo aquellas
palavras do Evangelista: *Maria autem unxit pedes Iesu:*
Ioan. 12. Ungio Maria Magdalena os pés de Jesu. Isto ditto com a
bocca, & considerado no coração, causa não pequena de-
voção a quem procura trazer nelle a Deos: & assim causa-
va na alma deste Varão grandíssima devoção, & fervor de
espírito a repetição destas palavras: *Maria autem unxit
pedes Iesu.*

Laur.
Iust.
Ioan. 12.

(?)

Oliveira.

Oliveira.

Paz.

Consideração primeira.

A Oliveira foi antiguamente consagrada à deosa Minerva, que se pagava de cousas puras, como a oliveira o era: por isso foi preferida a todas as mais arvores por sentença de Pallas. Das principaes que na sagrada Escrittura são referidas, he ella húa, & assim entra no numero daquellas a que se compára a Eterna Sabedoria: *Quasi oliva speciosa in campis.* Santo Augustinho a ella compára a Igreja Catholica: & a mesma Igreja della faz comparação à Virgem Senhora nossa. Dos significados que tem, he mais conveniente o que primeiro lhe foi dado do Ceo, que he Paz, a qual então significou ao mundo, que a pomba tornou à Arca de Noe, trazendo no bico hum ramo de oliveira, em sinal que já Deos estava brando, & trattava de paz com o mundo: donde vem dizer a Igreja na Dominga de Ramos na oração que ao benzer delles faz a Deos. Vós Senhor pelo ramo da oliveira enviaestes a pomba denunciar paz à terra, esta concedei ao vosso povo, &c. Conservou a oliveira esta significação de paz, & communmente quando algúas pessoas querem dar a entender que estão em paz com outras, com mostrar hum ramo de oliveira se ficão declarando bem. Assim conta Virgilio que fez Encas a el-Rey Evandro, quando vencendo-o, de longe lhe mostrou da nao hum ramo de oliveira que tinha nas mãos: *Pacificæque manu ramum prætendit olivæ.* Com este pin-tavão antiguamente a Mercurio, porque como era Embaxador de Jupiter, & de sua parte hia reconciliar paz com

*Eccl. 24.
August.**Gen. 8.**Virgil.
Plinius.*

Pier.
Val.

Luc. 2.

August.

Marc. 9.

Luc. 24.

Ioan. 14.

Ioan. 12.

Luc. 19.

Ex. 29.

Ex. 40.

Levit. 2.

Num. 7.

com os homens era conveniente que levasse nas mãos ramo de oliveira. ¶ Os Emperadores, & Monarcas do mundo que amaraõ a paz, & puseraõ silencio ao estrondo das armas, mandaraõ esculpir nas suas moedas ramos de oliveira, significadores da paz, que elles tinhaõ grangeado a seus Reynos. ¶ No dia em que nasceo o Salvador do mundo, & os Anjos estavaõ cantando a paz, que elle trazia à terra, se vio correr hũa fonte de azeyte da penedia do monte Tarpeo, que vindo-se recolher no rio Tibre, hia nadando por cima de suas correntes, manifesto sinal da paz que vinha ao mundo, com a qual este Senhor entrou nelle, & se despedio delle, dandoa, & encommendandoa muito a seus Discipulos. ¶ Entrar o mesmo Christo em Jerufalem o dia de seu triunfo, com ramos de oliveira, sinal era da paz que elle ultimamente hia offerecer àquelle povo, aonde sabia que tinha tantos inimigos, & sendo elle o aggravado, era o que cometia a paz, & rogava com ella a seus perseguidores; & quando vio que a não aceitavaõ com os bons partidos que lhes fazia, esta foi a rafaõ, porque estando à vista da mesma Cidade se lhe arrasaraõ os olhos em lagrymas, dizendo: *Quia si cognovisses, & tu, quæ ad pacem tibi:* à Cidade como me lastima ver tua perdiçaõ: se tu agora conhecesses os meynos, & modos que busquei para te reconciliar comigo, & tratar da paz que não tens: mas basta que nã de mim, nem comigo a queres, & assim te ficaràs sem ella, & sã mim, & comigo em perpetua guerra, que te fuy offerecer a paz, como se te offendera, sendo eu o offendido.

Nas offertas, & sacrificios que se faziaõ na Ley velha, mandava Deos, que por cima delles se lançasse azeyte em sinal que (como dizem os Santos) para nossas orações serem aceitas a Deos, havemos de estar em paz, & concordia com elle, & com o proximo. Offerta, sacrificio, & oraçaõ, que por cima de tudo não leva azeyte demonstrador da paz, que antes de tudo quer Deos que se lhe offereça, não appareça à sua

fua vista, lançailhe primeiro oleo, reconciliandovos com quem tendes aggravado, & então offerecei sacrificio: que por isso disse o mesmo Senhor: quando fordes offerecer sacrificio ao Altar, & vos lembrades que tendes aggravado ao proximo, torneis a tras, & idevos reconciliar com elle, & a poz isso fazei a Deos os sacrificios que quiserdes, & elle os aceitará bem, levando por cima azeite tão estimado. ¶ Tem este tanta força contra o furor, & alterações, que se movem, que quando o mar anda tempestuoso, sendo lançado sobre as ondas, tem virtude para as abrandar. Tão contrário he este licor de inquietações, & tudo o mais que diz discordia, & guerra: pelas quaes razões he a oliveira symbolo da paz tão necessaria no mundo.

Matt. 5.

Plinius.

Consideração segunda.

A Paz he mãy de todos os bens, como diz S. Chrysofotomo, & aonde ha paz, vão todas as cousas em prosperidade: *Ubi pax est, ibi omnia prosperabuntur*. Por isso dizia muy bem Marco Agrippa, varão que alcançou grande nome, por fazer boas pazes em tempo de guerras, que não achava mais certa sentença, nem ditto mais para se estimar, que este: *Concordiã parvæ res crescunt, discordiã dilabuntur*, pequenas cousas crescem muito, havendo concordia, & sem ella as muito grandes cahem, & vem ao chão, porque he grande perda a da paz: *Pacis amissio non parva jactura est*, diz Chrysofotomo. Perguntando Scipião a Tiresio Principe dos Numantinos, porque rasoã Numancia, que antes fora invencivel, viera a ser vencida, & posta por terra, respondeo elle: *Concordia victoriam, discordia exitum præbuit*. A concordia lhe deu as vittorias que teve, a discordia lhe trouxe seu ultimo fim, & destruição: *Pace nihil præstantius, nihil contentione damnosius*, diz Chrysofotomo. Nenhã cousa ha mais excellente que a paz, ne-

Chryf.

Brus.

Chryf.

Brus.

Chryf.

nhã

nhã mais dãnosa, que a contenda: por isso nos aconselha, que busquemos paz com os homens, paz com a alma, & paz com a propria inclinaçõ, & appetite natural. ¶ Sobre

Psal. 71. aquellas palavras do Profeta David: *Orietur in diebus ejus justitia, & abundantia pacis*: que com a vinda do Salvador do mundo à terra havia de nascer a justiça, & abundancia de paz: diz o mesmo Santo, que esta abundancia de paz tem agora os que sendo filhos da ira, & inimigos de Deos, se vem adoptados em filhos, & grandes amigos seus, sendo o mesmo Deos o que tirou estas inimidades, & o que fez estas pazes, porque elle he paz nossa, que nos reconciliou a sua divina graça. Esta abundancia de paz gozão os

Ephes. 2. que entre as guerras, que a carne tem com o espirito, sopeão todos os affectos, & appetites sensuaes, vivendo em sũmo socego, & tranquillidade da alma: & então se acha esta abundancia nas torres, comprindo-se o que diz o mesmo

Pf. 121. David: *Fiat pax in virtute tua, & abundantia in turribus ejus*; quando hũa pessoa por conservar o dom da paz, vai subindo de virtude em virtude, como de degrao em degrao, até que chegue ao mais alto desta torre: porque o vècer o homem os impetos da colera, pot não perder a paz, he o primeiro degrao que sóbe: & o reconciliar-se com seu irmão quando o sente aggravado, por ter paz com elle, he o segundo degrao em que se põem: & o que não dà mal por mal, nem procura vingança, por conservar o bem da paz, sóbe ao terceiro degrao: o que perdoa a injuria que se lhe faz, fica outro degrao mais a cima: & o que quer bem a seu inimigo, & roga por elle a Deos, vai outro degrao adiante: o que està aparelhado a perder todos os bens da vida por amor de Deos, & de possuir a paz de Deos, mais alto que todos sóbe: mas aquelle que chega a possuir a verdadeira caridade, que he o vinculo da paz, este he o que chega a cima da torre, & goza daquella abundancia de paz, que David diz: *Et abundantia in turribus tuis*. He proprio da

paz

paz trazer consigo abundancia de gostos, & por isso o mesmo David diz falando dos pacificos, & mansos: *Delectabuntur in multitudinc pacis*, delectar-se-hão na multidão da paz: sobre o que diz Santo Augustinho, que os peccadores se delectão em riquezas do mundo, na multidão de bens, multidão de ouro, multidão de prata; mas os Justos delectão-se na multidão da paz; as suas riquezas he a sua paz, o seu ouro he a paz que tem; a sua prata a paz de que gozão: *Aurum tuum pax: argentum tuum pax: prædia tua pax: vita tua pax: Deus tuus pax*. Alegrate Justo, porque possuindo a paz, nenhũa cousa te falta, tudo tens em abundancia, tens a Deos, que he summa paz: o que he ouro, não póde ser prata, o que he vinho, não póde ser pão, a luz não póde ser agoa, que bebas: *Deus tuus totum tibi erit*. O teu Deos que possues, te fica sendo tudo o que queres.

Psal. 36.

August.

August.

Consideração quinta.

Querendo David mostrar as grandezas da celestial Cidade de Jerusalem, & os grandes bens, que ha na Gloria, diz: *Qui posuit fines tuos pacem*, como se dissera: Que póde faltar naquella soberana Cidade, que toda he pacifica, & não sómente tem dentro em si perpetua paz, mas tambem os seus terminos, & confins a possuem de sorte, que ninguem os inquieta: tudo alli he paz, & isso quer dizer o mesmo nome da Cidade, porque Jerusalem significa visão de paz: *Visio pacis*: por isso diz Santo Augustinho: *Omnes qui habent, & amant pacem, benedicuntur in ea*. Todos os que tem, & amão a paz, alcanção nesta Cidade benção de eterna paz: & diremos eterna, porque a paz desta vida chama-se transitoria, & a da outra permanente: ambas prometteo, & deixou Christo a seus Discipulos, quando despedindo-se delles

Psal. 147.

August.

Ioan. 14.
Gregor.

Thre. 8.

Osea 14.

delles lhes disse: *Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis*: Deixovos a paz, douvos a minha paz: como se differa (diz S. Gregorio) *Relinquo transitoriam, do mansuram*: Por hora vos deixo a paz transitoria, & tambem vos dou a que para sempre ha de durar. A paz do mundo he composta como de remendos, faz-se muitas vezes a poder de condições, & partidos capitulados de paz, que ainda q̄ o mundo lhe chama paz, para com Deos (como diz o Profeta) muitas vezes não he paz, senão guerra dissimulada de baixo de nome de paz, porque as entranhas dos pacificados ainda ficão cheas de odios, & rancores, esperando occasião em que tornem a romper com mayores offensas que as passadas: mas a paz que Deos tratta com os homens he verdadeira, & alheya de toda a ficção, he paz que elle deseja conservar eternamente com as almas que creou: paz q̄ offerece de boa vontade, porque chegou aquelle tempo que elle por Oseas tinha ditto: *Diligam eos spontanea, quia aver sus est furor meus ab eis*. De minha propria vontade amarei aos homens, porque já me passarão as indignações que contra elles tinha, do instante que meu Filho se fez homem; alli se sepultarão aggraves antigos, & se fiserão pazes solenniſsimas.

Consideração quarta.

Bernar.

Considerando S. Bernardo as excellencias da paz, dizia que nenhũa outra cousa queria senão paz, nenhũa outra cousa desejava senão paz: *Pacem volo, pacem desidero, & nihil amplius*: Nada quero, nem desejo mais que paz, porque a quem não basta a paz para cuidar que tem todo bem, nem vós Senhor lhe bastais, que soes o summo bem, & soes a nossa paz: *Cui enim non sufficit pax, non sufficis tu. Tu enim es pax nostra*. Quando a outros não bastar isto, a mim só isto me basta, só isto me he necessario, ter paz

paz com vosco, & ter paz comigo, reconciliarme com vosco, & reconciliarme comigo: *Hoc mihi satis est reconciliari tibi, reconciliari mihi.* Isto me he necessario assi, porque depois que o peccado me fez contrario vosco: *Factus sum mihi metipsum gravis*: Eu mesmo me fiz pesado, & molesto a mim, porque dentro em mim sinto grandes contradicções, ando em perpetua contenda, tenho inimigos de portas a dentro: *Pacem volo, pacem desidero*: Quero paz, & desejo paz. *Bernar.* Em outro lugar diz o mesmo Santo, que não deve o homem nesta vida buscar gloria, senão paz: *In terra homini non gloria, sed pax est querenda, pax cum Deo, pax cum semetipso.* Diz que busquemos paz com Deos, & conosco mesmos, porque fóra d'isto não ha no mundo acharse verdadeira paz. A Alma Santa dizia, que com ser muro, & torre fortissima: *Ego murus*, castello fortalecido de muitas graças, & perfeições, quando muito chegou quasi a achar paz neste mundo: *Facta sum coram eo quasi pacem reperiens*, cheguei quasi a achar paz: & a razão de não possuirmos verdadeira paz na vida he, que como nella não desistimos de cometer peccados, & culpas novas, impossivel he termos paz com aquelle Senhor, que não teve peccado, nem o podia ter, antes morreo por tirar peccados do mundo.

Cant. 8.

I. Pet. 2.

Rom. 17.

I. Cor. 15.

Consideração quinta.

HE a paz interior aquelle leito, em que a Alma Santa busca a Deos quando dizia: *In lectulo meo per noctes quaesivi quem diligit anima mea.* Em o mayor sossego da paz que possuhia, busquei todas as noites o amor da minha alma. Chama leito à paz, porque nella descansa o espirito, assim nas prosperidades, como nas adversidades: & claramente chama Isaias leito de descanso à paz, quando diz: *Veniat pax, requiescat in cubili suo.* Venha a paz, & descance no leu aposento, porque da paz he descansar, & dar descanso, & agasa-

Isai. 57.

Cant. 3.

lhar-se no aposento da alma, ficando servindo a essa alma de leito brando, & amoroso: mas como diz esta mesma Alma, q̄ o não acha, quando o busca neste leito de paz? *Quasiivi eū, & non inveni.* Como o busca, se o tem consigo, pois aonde ha paz,ahi se acha Deos? Mas a isto se responde, que he verdade, que quem no leito da paz busca a Deos,ahi tem consigo a Deos, nem pôde deixar de o ter consigo: mas he Providencia de Deos, esconder-se muitas vezes Deos a essa alma no leito da paz, permittindo que se ache só, desconfolada, & sem companhia; faz Deos que está longe della, para ver como essa alma sente sua ausencia, & soledade; como o busca, & persevera em o buscar, ou para lhe fazer mayores favores quando lhe torna a apparecer, & em fim esconde-se para mayor perfeição dessa alma.

Consideração sexta.

Apoc. 2.

Cant. 2.

Rom. 14.

HE a paz hum suavissimo mannà, que Deos dà aos escolhidos, significado naquellas palavras que elle disse: *Vincenti dabo mana absconditum*: ao que vencer darei hum mannà escôdido. Chamalhe escôdido, porque a sua doçura não se manifesta a todos; porque nem todos a gostão: & só a gostão aquelles que se assentão à sombra da verdadeira arvore da vida, & comêdo do seu fructo, dizem: *Fructus ejus dulcis gutturi meo.* Esta doçura da paz tendo S. Paulo gostado, comparou elle à mesma doçura do Ceo, quando disse: *Regnum Dei non est esca, & potus, sed justitia, pax, & gaudiū in Spiritu Sancto.* Ninguem cuide que tem o Reyno do Ceo a doçura, que cà se acha nos comeres, & manjares laborófos, que estes são corporaes, & só a tempos tirão a fome, & sede do corpo, que os ha mister, & não se hão de chamar doces, em comparação da doçura celestial, que consiste na justiça, na paz, & prazer em o Espirito Santo: aonde justiça quer dizer justificação, da qual resulta paz em a alma justificada,

cada, & della paz prazer em o Espirito Santo; & este he o fructo mais doce que todas as doçuras, este he o suavissimo mannã que Deos promete ao vencedor: *Vincenti dabo manna absconditum.*

Consideração settima.

Considerando David a paz de que muitas vezes gozão os peccadores, & de quão bem lhe succedem as cousas, & as prosperidades do mundo, vendo pelo contrario aos justos opprimidos, & atribulados com miserias, & afflicções, dizia que andava attonito: *Pacem peccatorum videns.* Via *Psal. 72.* que tem, & alcanção quanto querem: *Transierunt in affectum cordis,* respondem-lhe as cousas à medida de seus desejos; para elles não ha molestias, nem trabalhos: *In labore hominum non sunt.* Pois no mundo ha mais paz, & quietação q̃ esta? Ha mais descanso, & alegria que esta? Mais ha que isto. Porque a verdade he que os peccadores não tem paz, nẽ a pòdem possuir: *Non est pax impiis,* diz Isaias. Porque estes que vivem em gostos, & tem trabalhos, estes de que David se espanta: *Pacem peccatorum videns,* tem hora determinada de sua condemnação, & por isso no mesmo lugar, aonde fala de suas bonanças, apregoa seus tormentos quando diz: *Non est respectus morti eorum,* cu como verte, Santo Augustinho: *Non est declinatio morti eorum.* Não ha fugir da morte, que lhes està aparelhada, na qual se lhe não ha de ter respeito, quando forem julgados a penas eternas: *Et firmitermentum in plaga eorum;* na sua chaga haverà firmeza, porq̃ sua pena, & dor serà firme, & eterna. Este mesmo espanto era de Abacuc, quando via a desigualdade que vai entre os justos, & peccadores, estes tão favorecidos do mundo, & aquelles tão desprezados, & opprimidos disto, fazia a Deos grandes queixumes, & propunha muitos aggravos; até que Deos lhe respondeo: *Scribe visum.* Escrevei, Profeta queixoso, o que agora vedes, & ouvis, & fique isto em perpetua memoria, para *Abac. 1.*

que vos consoleis, & consolem todos aquelles que representão semelhantes queixas: *Veniens veniet, & non tardabit.* Saibão os queixosos de tão grandes desigualdades, que ha de vir dia, & hora, em que Deos tire estes aggravos, quando vi-
Mat. 25. rem que dà Deos hũa sentença tão favoravel para os justos, & outra tão terribel para os peccadores. Virã dia em que estes afflictos, & desprezados do mundo se dem por satisfeitos de seus trabalhos, & os malignos fiquem com o castigo de suas insolencias; entre tanto não se espante David, nem se maravilhe o justo: *Pacem peccatorum videns*: que debaixo desse nome de paz se encobre o de sua condemnação.

Myrrha.

Mortificação.

Consideração primeira.

A Myrrha de q̄ muitas vezes se fala em a sagrada Escritura, nasce à maneira de lagrymas de hũa arvore de Arabia, que como diz Plinio, he a commua lenha, de que os sabios usaõ para o fogo: a perfeita, & verdadeira não a ha entre nós. Casiodoro, Philo, Aponio, Ricardo, & outros Padres antigos, querem que por ella se entenda a mortificação. E S. Gregorio o diz claramente: *Per myrrham carnis nostræ mortificatio figuratur.* Pela myrrha he figurada a mortificação de nossa carne. A myrrha com sua virtude livra os corpos de corrupção, & a mortificação com seu rigor, & amargura livra as almas da podridão dos peccados. Por isso dizia S. Paulo, que mortificava, & castigava seu corpo: *Castigo corpus meum, & in servitutem redigo.* E por isso faço isto, porque não acerte de ficar podre com peccados, & os outros incorruptos, & immortaes por se saberem aproveitar de minhas pregações. A myrrha alimpa o corpo de malignos humores, & a mortificação lança fóra todos os humores de perversos pensamentos,

*Plinius.**Casiod.**Philo.**Aponi.**Ricard.**Bed.**Iust.org.**Gregor.**1. Cor. 9.*

famentos,

famentos, & desejos sensuaes, dos quaes se gérao febres de ar-
dentes payxões, que põem a alma em miseravel estado: a
myrrha tira o maligno cheiro, & dà o suavissimo aõde quer q̃
a applicação: o que mais efficaçmente faz a mortificação em a
alma, donde tira todo o contagio, & corrupção do peccado,
& põem fragrancia suavissima de virtudes, & cheiro de boa
fama para com os homens, de sorte que pôde hũa alma dizer:
Sicut myrrha electa dedi suavitatē odoris. A myrrha para
ser verdadeira tem fragrancia, & amargura; pelo cheiro diz
Plinio, que muitas vezes se falsifica; mas pelo gosto diz Theo-
phrasto que se não pôde falsificar: assim a mortificação ver-
dadeira em ambas estas cousas se conhece, no cheiro, & na
amargura: no cheiro pôde enganar, como engana a dos hy-
pocritas, mas não em o gosto, quando bem provada a virtu-
de da pessoa, se experimenta que he verdadeira, como o co-
mer que se gosta na bocca, no que não pôde haver engano:
& além disso a mortificação dos virtuófos tem isto, que se se
gosta sua amargura, não se come, nem enche as entranhas; o
que pelo contrario succede na dos peccadores, que he amar-
gura que se come, & bebe, & entre as entranhas, como diz
Jeremias em figura do povo Judaico: *Replevit me amari-
tudinibus.* Encheo-me Deos de amarguras por peccados
meus, de sorte que não sómente mas deu a gostar, mas fez-
mas comer, & tragar, encheo-me as entranhas de amarguras.

Eccl. 24.

Plinius.

Theoph.

Thren. 3.

Consideração segunda.

QUando a Alma Santa quer mostrar que pretende dar-
se ao estudo da mortificação, debaixo da metáfora de
myrrha diz q̃ determina ir ao monte da myrrha: *Vadam ad Cant. 4.*
montem myrrhæ. E primeiramente chamalhe monte, por-
que tudo parece que he subir costa assim a quem se houver
de mortificar a cousas da vida; tudo o que hũa alma procu-
ra fazer de bem, he contra sua natureza; do que se queixava

Rom.7.

S. Paulo dizendo: *Carnalis ego sum venundatus sub peccato*. Como se dissera: não me espanto cultarme tanto seguir o caminho da virtude pelo rigor da mortificação, porque sou de carne humana, vendido debaixo do preço do peccado; & por isso diz: *Non quod volo bonum, hoc ago, sed quod odi malum, illud facio*. Como minha natureza he tão inclinada ao mal, dahi me vem, que querendo fazer o que he bem, não o faço, & aborrecendo o que he mal, faço o mal: conheço o bem, & não o faço; entendo o mal, & obro mal, tudo me nasce de minha perversa inclinação: chama-lhe monte, porque por tribulações, & trabalhos se fôbe a elle, ou tambem monte pela altura de fortaleza, & magnanimidade, que chega a alcançar hũa alma mortificada ao mundo: pois a este monte de myrrha se vai o justo em quãto vive:

Cant.5.

2.Pet.1.

Donec aspiret dies; nelle diz que quer estar em quanto a vida lhe durar, até que lhe amanheça o Divino Sol de Justiça, porque já entãõ lhe não será necessario ir ao monte de myrrha, mas ao monte na eternidade, aonde Deos eternamente está alumeando.

Psal.75.

A mesma Alma Santa diz, que estando adormecida, se levantou para abrir a seu Divino Esposo, & logo apoz isso suas mãos destillãõ myrrha: *Surrexi ut aperirem dilecto meo: manus mee stillaverunt myrrham*: porque como hũa pessoa se determina abrir portas às inspirações do Ceo, & recolhe a Deos na sua alma, logo suas mãos destillaõ mirra, porque logo tem particular contrição, as lagrymas são continuas, os suspiros, & prantos, logo trata de fazer penitencia, & se dispõem a obrar bem, logo suas mãos destillaõ myrrha, porq̃ em tudo mostra que trata de se mortificar, & dar cheiro suavissimo de virtudes, sendolhe suaves todas as obras que faz por amor de Deos. Tambem em outro lugar diz: *Labia ejus lilia stillantia myrrham primam*, porque da mortificação se tira gosto de que se não pôde perder hũa só pinga. Os beijos da Alma Santa são lirios que des-

Cant.5.

tillaõ

tillão myrrha muy approvada; porque as tribulações, q̄ Deos communica aos Santos, ainda que no primeiro tacto parecera myrrha muito amargosa, (porque a mais amargosa he a que se chama myrrha prima) com tudo essas tribulações são lírios, & rosas de que recebem suavissimo cheiro, & não pequeno gosto. Assim diz o Apostolo S. Pedro: *Communicantes Christi passionibus, gaudete.* Quando os que seguis a Christo, communicardes das payxões de Christo, que são as tribulações que por amor delle padeceis: *Gaudete*, folgai com isto: tende prazer, & alegria, porque trabalhos por Christo são gostos que dà nesta vida aos seus, se verdadeiramente sabem ser seus. Bem sentia estes gostos em suas tribulações o Apostolo S. Paulo quando dizia: *Repletus sum consolatione, superabundo gaudio, in omni tribulatione nostra.* Em qualquer tribulação que padeço, me vejo cheyo de consolação, o meu prazer he excessivo, não sei encarecer o gosto que com isso recebo: isto dizia, porque participava da suavidade desta myrrha approvada, & porque Deos nas tribulações lhe communicava esta fragrancia de gostos. Que quando communica a alguem, he final que o ama como a filho, pois quando o vê attribulado, lhe sahe ao encontro com celestiaes consolações; & então como diz o mesmo Apostolo: *Tanquam filiis se offert Deus: quis enim filius, quem non corripit pater?* Como a filhos sahe Dees ao encontro com as consolações. E que filho ha, a quem o pay não reprehende, se elle o ama, & sabe ser bom pay? Pois assim nos sabe Deos castigar, & mortificar muitas vezes; mas como he Pay, & Deos de toda a consolação, com ella se nos offerrece quando menos cuidamos: *Tanquam filiis se offert Deus.*

1. Pet. 4.

2. Cor. 7.

Hebr. 12.

2. Cor. 1.

Consideração terceira.

Bern.

O Glorioso S. Bernardo tambem pela myrrha quer entender a mortificação, que se compõem de trabalhos, & tribulações. A myrrha (diz elle) he amargosa, & amargosas são as tribulações que mortificão a húa alma santa; porém a força do amor da doçura a essa amargura, vencendo a molestia do trabalho. Nesta vida tudo he myrrha, tudo mortificação a quem se entrega a Deos, porque não ha tratar se não de asperesas, jejuns, oração, cilicio, tentações do demônio, & perseguições do mundo; mas quando se lembra o que Christo padeceo por elle, & quão mortificado viveo, & morreo por amor d'elle, diz com a Esposa dos Cantares:

Cant. 1. Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur. O meu querido he para mim ramallete de myrrha, porque ainda que o vejo mortificado em húa Cruz, ahi me parece muy fermoso, & agradavel, ahi me lança de si hum cheiro suavissimo: he hum ramallete de flores, no peito o trarei, no coração lhe darei lugar.

Consideração quarta.

Bern.

Mat. 27.

Ps. 105.

E Ste Senhor (diz o mesmo Santo) não quiz em a Cruz beber a myrrha, que lhe derão misturada com vinho, porque como a myrrha diz mortificação, & o vinho alegria, (conforme diz David) elle só tinha sede de mais mortificação, & de padecer mais pelos homens, & não de gostos, & alegrias, que se guardavão para sua santissima Resurreição. Não quiz naquelle lugar cousa, que o pudesse alegrar, quando desejava padecer tanto, que se queixava a seu Eterno Padre de lhe abreviar o tempo de sua Payxão: por isso *Dabant ei bibere myrrhatum vinum, & non accepit.* Davão lhe a beber myrrha, & vinho, que elle não quiz, porque a sua sede

Marc.

15.

era

era de padecer mais, & não de aceitar alivio, que o vinho lhe podia dar. Ou como diz Santo Augustinho, não quiz este Senhor beber o vinho que lhe davão misturado com myrrha, porque tambem de mistura levava fel: *Dederunt ei bibere vinum cum felle mixtum*. O fel he alimento apropriado aos que estão no inferno, que perpetuamente estão bebendo fel amargoso. E Christo Jesu, ainda que padeceo grandes tormentos, & foi rodeado com dores do inferno: *Dolores inferni circumdederunt me*, com tudo não estava sujeito ao inferno; gostou ao vinho em que havia myrrha de amargura, que padecia; mas não o bebo, porque de mistura levava fel, que os dñados no inferno bebem de continuo.

Mat. 27.

Psal. 17.

Acerca do que o Apostolo S. Paulo diz, que o mundo estava crucificado a elle, & elle ao mundo: diz S. Chrysostomo, que ha duas mortificações: hũa, estar as cousas do mundo mortas a hũa alma; & a outra, estar essa alma morta ao mundo, & a tudo o que nelle ha. Pois por isso Paulo repete aquellas palavras: o mundo a mim, & eu ao mundo, porque não podem cousas do mundo cattivar a hum morto, nem hum morto deixarse levar de seus desejos: *Nihil hac mortificatione felicius*. Não ha mayor dita, que esta mortificação, não ha mayor ventura que este morrer ao mundo, & o morrer do mundo a hũa pessoa.

Ad Epl.
Chryf.

Chryf.

Consideração quinta.

OS Gentios Filósofos se satisfazião tanto da virtude da mortificação, que sem ter lume da Fé, he de maravilhar o muito que a amirão, & differão della, fazendo muito caso da mortificação da alma, que tem sujeito a si, os desordenados appetites, que lhe fazem guerra, dos quaes diz Seneca: *Effugere cupiditates regnum est vincere*. O vencer malignos desejos, he vencer hum Reyno. E em outro lugar diz, que por mais esforçado se ha de ter o que sujeita

Senes.

os perversos desejos, que os ferozes inimigos. Pois se que-
reis alcançar grande honra, eu vos darei hum grande Impe-
rio: *Impera tibi*, mandai-vos a vòs, refreai-vos a vòs mes-
mo, mortificai vossa condição, tende mando, & imperio de
vòs mesmo. Isto cuidemos dentro, & fóra de casa, este mo-
do de vida tenhamos, que sejamos faceis para os outros, &
para nòs inexoraveis, que quando perdoarmos a todos, só a
nòs não saibamos perdoar.

Socrat.

Socrates dizia, que os homens se havião de mortificar
tanto, que não devião comer manjares, que por si estavão
convidando a quem não tem fome, nem se havia de beber
licor, que por si chamasse a beber a quem não tivesse sede, &
que importava muito evitar todas as representações, & espe-
táculos publicos de que nenhũa necessidade temos, sendo a
perda grande, pois sempre nos deixamos ir a poz o mal que
isto tem. O homem (diz Plutarco) ha de ser como o bom
hortelão, que aparta a maligna herva da boa, & para que al-
gũas venhão a aproveitar, tem cuidado dellas, cortando-as,
atando-as, & cobrindo-as a tempo de terra, para que em al-
gum seião sazoadas, & se possaõ comer. Pindaro diz, que
aos desordenados affectos d'alma se ha de buscar modo con-
veniente de os domar, como o cavallo se applica ao coche, o
boy ao arado, o galgo à lebre, & sabujo ao porco montez.

Plut.

Pindar.

Soerat.

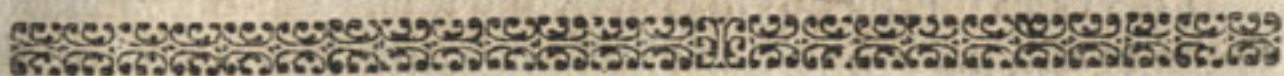
Vindo Socrates com outros muitos desejosos de beber, &
vendo que remettião todos a hũa fonte, elle o não quiz fa-
zer, & sendo perguntado porque não bebia, respondeo: *Ne
consuescam obsequi affectibus*, não bebo, porque me não
costume obedecer a meus affectos; quero me mortificar, por
não pòr maligno foro a meu appetite. Democrito costumava
dizer, que não tinha só por homem varonil o que em ar-
mas levava vantagem aos demais, mas tambem aquelle que
fazendo muitas vezes a batalha com seus appetites, alcançava
segura vittoria. Federico Emperador vencendo na Ungria
aos Guncienfes, disse a seus soldados: Grande he a obra que
temos

Democ.

Æn.

Sil.

temos feito, resta que façamos outra mayor, & he que se vé-
cemos aos inimigos, vençamos agora a nós mesmos; ponha-
mos freyo a nossa cobiça, & avaresa, concedamos a vida a
quem desejou darnos a morte: *Vincamus nos metipsos*:
vençamo-nos a nós, porque neste vencimento consiste ma-
yor louvor, que he perdoar ao inimigo quando o temos de-
baixo dos pés.



Platano.

Altesa.

Consideração primeira.

O Platano com ser arvore principal entre as que são fres-
cas, & fazem agradavel sombra, não se acha tantas ve-
zes referida em as letras sagradas, como outras o são. Deve
ser, porque a sagrada Escritura não faz tanto caso de algumas
plantas de que os Gentios o fiserão muito para seus fingimē-
tos, & fabulas, como a de Jupiter, & Europa, que entre Au-
tores Gregos, & Latinos fez celebre o Platano de Gortina
em a Ilha de Creta, que nunca perde a folha. Nenhum co-
nhecimento havia do Platano nestas partes Occidentaes, co-
mo diz Plinio, & depois que pelo mar Jonio o trouxeraõ a *Plinio.*
Grecia, dahi veyo a Italia, & Hespanha, por ser de muita
frescura, & ter a sua sombra propriedade de resfriar, & afastar
de si a quentura do Sol, a qual pelo contrario no inverno re-
cebe, & retém mais que as outras arvores, donde veyo a ser
tão estimado entre os Romanos, que para ser viçoso, & cres-
cer depressa o regavaõ com vinho, o que se achou por ex-
periencia, que os fazia crescer depressa: donde disse n uito
bem Plinio, que os Romanos até as arvores ensinaraõ a be- *Plinio.*
ber vinho, fartando delle aos Platanos, que estimavaõ
por sua fresca sombra, fazendo muitas vezes convites de-
baixo delles, como Licinio Muciano Consul, que à som-
bra

bra de hum deus convite a vinte & quatro convidados, varões nobilissimos, o que relataõ alguns Autores a respeito, de serem os Platanos arvores de admiravel grandesa, de folhas grandes, & largas, agradaveis à vista, & de muy deleitosa frescura. Aristando Autor Grego conta por grande maravilha, que chegando El-Rey Xerxes a Laodicea, hum Platano se converteo em Oliveira.

Tres vezes que na Divina Escrittura se fala em o Platano, se deixa entender que por elle se significa Alteza, & tudo aquillo que representa magestade, tendo quasi o mesmo significado que o Cedro: como o comparar-se no Ecclesiastico a immensa Sabedoria na alteza ao Platano, que se levanta sobre as agoas: *Quasi Platanus exaltata sum*. E como tambem se entende aquelle lugar de Ezequiel, aonde fala o Profeta da presumpção de Assur, & Faraõ, que se tinhaõ por mais altos, & sublimes, que os Platanos, pelo muito que se engrandeciaõ, & levantavaõ em soberba: *Platani non fuerunt aque*. Com isto confórma o que S. Gregorio diz, declarando este lugar de Ezequiel em sentido mais alto, que nenhuma outra cousa se póde entender pelos Platanos, & Cedros, senaõ aquelles esquadrões das celestiaes Virtudes de muy sublime alteza, que nesse soberano Paraiso de deleites, saõ como arvores altissimas, plantadas na verdura de eterna, & perduravel alegria: & entaõ diz que os Platanos se naõ igualaraõ às folhas do Cedro no monte Libano, quando a multidão de Espiritos Angelicos, Platanos que eraõ na alteza de suãs perfeições, naõ chegaraõ a igualar a belleza do fermoso Cedro, que era Lucifer, preferido a todos os mais nas graças, & excellencias, com que Deos o creou, vestindo-o de todas as pedras preciosas: de sorte, que o commum sentido do Platano he significar cousas altas, & soberanas, como elle he arvore real; & este foi o respeito, porqu e de muy remotas regiões o trouxeraõ a primeira vez a Ilha de Diomedes, para cercarem a sua sepultura

de

de Platanos, significadores do Real sangue, de que elle descendia, & das proezas, & heroicos feitos de tão famoso Capitão: dahi os trouxe Dionysio Tyranno a Sicilia, para os jardins de seus Paços Reaes; & não he o Platano só estimado por sua frescura, & sombra frigidissima, mas tambem pelas muitas virtudes que tem: & Plinio relata, como de suas bagas, que são medicinaes contra a peçonha de serpentes, & escorpiões, & para reter o sangue; a sua casca boa para dor de dentes, & as suas folhas proveitosas para a vista dos olhos, & outras mais virtudes, o que não he de nossa profissão.

Consideração segunda.

HE consideração de Santo Thomàs, que supposto que o appellido de Altesa por participação se dê a algúas creaturas, com tudo só a Deos se deve o titulo de Altesa, & Magestade, com culto, & adoração de Latria, porque elle he o que só se chama, & deve chamar Altissimo, & o mesmo he Deos Altissimo, que Deos a quem se deve summa adoração, & reverencia, como diz Lyrano. He mysteriosa aquella visão de Isaias, quando vio a Deos sentado: *Super solium excelsum, & elevatum*: aonde S. Jeronymo nota, que estar Deos sentado em throno, mostra que he Rey, & por isso lhe compete assento Real: *Ut habitum regnantis ostenderet*: ou como diz Chrysoftomo, no throno denota a summa eminência, que tem a respeito dos inferiores: mas em ser eile throno levantado, mostra a incomprehensibilidade de sua divina natureza, a qual se levanta sobre todo o entendimento; & estas exposições dizem muito com a letra. Daqui veyo perguntarem os Magos por aquelle que era nascido Rey: *Ubi est qui natus est Rex*: porque só Christo (cujo assento, segundo sua Divindade he levantado sobre todo o entendimento creado) ineffavelmente nessas eternidades nasceo Rey: donde attonito Isaias diz: *Generationem ejus quis enarrabit?* Al

D. Th.

Psal. 82.

Lyran.

Isai. 6.

Hieron.

Chris.

Matt. 2.

Isai. 53.

Altesa

tesa só a Deos compete, porque só elle he Altissimo, & os seus Ministros se chamão Ministros do Altissimo. Assim se diz em *Gen. 14.* o Genesis, que Melchisedec era Sacerdote do Deos Altissimo. *Psal. 49.* E David diz, que só a este Senhor offereçamos sacrificio, *Psal. 82.* porque he Altissimo: *Redde Altissimo vota tua.* E em outro lugar diz, que só elle he Altissimo em toda a terra. Pois levante-se agora (diz Jeronymo) quem quizer, & diga o que quizer, & nós digamos sempre: *Tu solus Altissimus in omni terra.* Por mais que outros digão que tem deoses sublimes, & levantados, nós temos hum Deos que he mais sublime, & levantado que todos, & seu nome mais excellente, que todos os excellentes. Hum Deos, que não sómente he Altissimo, mas tambem o são todas as suas obras, & maravilhas: & assim chama David Altissimas a todas as cousas que fez, conforme sua potencia, ou conforme sua justiça; & isto diz que havia de apregoar a toda a geração vindoura: *Potentiam tuam, & justitiam tuam Deus usque in altissima. que fecisti magnalia.* Entendendo que obrou grandes altissimas, ou nas merces que lhe fiseram, ou na criação dos Anjos, que tambem se chamão Altissimos entre as creaturas, ou das promessas que lhe tinha feito da Encarnação de seu Eterno Filho, às quaes chama Altissimas.

Psal. 111. David diz, que multiplicou Deos os filhos dos homens segundo sua Alteza: *Secundum altitudinem tuam multiplicasti filios hominum.* O que declarando Santo Augustinho, diz que se multiplicão os Justos segundo a Alteza de Deos, quando vão de virtude em virtude. Assim vão os Apostolos, & os Discipulos de Christo; assim vão os Doutores, & Pregadores multiplicando, & aproveitando, porque assim lhes disse o mesmo Senhor: *Ego posui vos, ut eatis, & fructum afferatis.* Porém os Settenta neste lugar trasladão em lugar de *Multiplicasti, Magni fecisti filios hominum:* como se dissera o Profeta Rey. Assim como vós Senhor sois grande, assim engrandecestes aos homens, porque para redempção desse

deffes homens não quiseftes tomar a natureza Angelica, mas a dos mesmos homens, como diz S. Paulo: *Nusquam Angelos apprehendit, sed semen Abrahamæ apprehendit*: & assim explicão Jansenio, & Genebrardo, que Deos segundo a Alteza de sua soberania admittio por adoptivos filhos de Deos os filhos dos homens, baixos, & viliffimos, como verte neste lugar a Vulgata, dizendo: *Exaltati sunt viliffimi filiorum hominum*. Os filhos dos homens sendo viliffimos, & muito baixos, por merce de Deos estão levantados, & fez Deos muito caso delles.

Hebr. 1.

Vulgata edit.

Consideração terceira.

Os grandes da terra tomãrão para si este appellido de Alteza, que só a Deos convêm, porque he Altissimo: pagão-se destes nomes, como se forão immortaes; por elles se póde entender o [que diz Isaias: *Miscuit eis Dominus spiritum vertiginis*. Os poderófos, & levantados do mundo pagão-se tanto de titulos soberanos, que parece que tem vágados na cabeça; deulhes ar, que os fez tontos, não andão em si. Já no principio enfermou Lucifer deste mal, quádo se quiz levantar a ser semelhante ao Altissimo, & ter Alteza como elle: *Similis ero Altissimo*. Por aqui se deixou levar Adão, & Eva, que virião a ter Alteza, & serião como Deoses: *Eritis sicut Dii*. Por aqui caminhou Absalão, Adonias, pretendendo alcançar o sceptro, & coroa de rael. Por querer reynar matou Abimelec a settenta irmãos; Atalia a tantos filhos de Reys: & Aggripina Romana tragou a morte, & não a estimou por se ver Emperatriz do mundo com titulo de Alteza: as enfermidades curão-se, os achaques remedeão-se, os vicios cessão com o tempo; mas a fome de subir à Alteza sempre cresce: & parece que a significa naquellas palavras: *Superbia eorum, qui te oderunt, ascendit semper*. Quem quizer subir à Alteza, fuja da mesma Alteza,

Isai. 26.

Isai. 14.

Gen. 3.

2. Reg.

15.

3. Reg. 1.

Jud. 9.

4. Reg.

11.

Sueton.

Psal. 73.

fa,

sa, porque esta não se pôde alcançar, senão fugindo della, porque se damos em a seguir, ella nos foge, & se fugimos della, vem apoz nós. Se quereis ser illustre, não vos tenhais por esse, que as honras buscão quem não as quer, & desprezaõ a quem as deseja: *Honores non querentem honorant, ambientem aspernantur*, diz S. Chrylostomo. Quem pois deseja Altessa, procure-a com humildade, & por santidade pretenda exaltação; porque então he o homem illustre, que he santo, então muy levantado, que he muy humilde: *Si queris magnificentiam, prius quere sanctitatem, cum sanctificatus fueris, eris magnificus*, diz Santo Augustinho: Se buscais magnificencia, buscai primeiro santidade, porque então fereis magnifico, quando fordes santificado.

Calamo aromatico.

Confissão.

Consideração primeira.

Cant. 4. **O** Calamo aromatico he a planta, que na sagrada Escritura tem nome de Fistula, hũa das que o Celestial Espoço tem no seu mysterioso jardim, & por isso não ha de ficar sem se tratar de seu significado. Esta planta não se tem visto nestas partes, nem madeira sua; he hũa especie de cana cheitosa, que nasce a hũa parte do monte Libano, aonde fição certas lagoas, & tanques grandes de agoa, & assim se tem por certo, que não he sua hũa raiz, que em seu lugar mostrão nas boticas, mas de outra planta chamada Acoro. Tem propriedade de quente, & secco, & aproveita para muitos males do corpo, & aonde quer que se applica, dà cheiro, & suavidade. Hugo de S. Victore quer que por esta planta se entenda a Confissão, a qual quando se faz com as partes requisitas, tẽ calor, & fervor espiritual, & he proveitosa para as mayores enfermidades da alma, não havendo algũa que com este singular

gular unguento não se tire : assim diz S. Chryfostomo , que a Confissão he medicamento unico, que o Espirito Santo offerece para remedio de males humanos, que são as culpas , em que os homens cahem. Quem dà este remedio (diz elle) não pretende vingarse, pois offerece perdão, não deseja morte de ninguem, quem a todos descobre mesinha de saude. Tendes chagas, recorrei ao Medico, mostrailhe a ferida, para que a cure; falai só com elle, & descobrilhe tudo : *Confessio enim peccatorum abolitio est delictorum*, a Confissão dos peccados he a que apaga os delittos. Se Lamech não duvidou descobrir peccados seus a suas proprias mulheres, que o não sabião, que castigo merece quem a Deos os não quer confessar, que os sabe todos? E por ventura quer Deos saber vossos peccados porque os não sabe? Em nenhum modo ; mas de vossa bocca os quer saber, por ver o pejo que tendes de os confessar, & arrependimento de os terdes commettido. He a Confissão a segunda taboa depois do Bautismo, aonde se salvão os que depois d'elle peccando padecem naufragio. Nella se não fazem despensas de fazenda, não se passão mares, não se andão intoleraveis caminhos, não se arrisca credito, he mesinha muy facil, purga que custa pouco. Deos não manda fazer cousas impossiveis, & carregadas : quer contrição da alma, compuncção do espirito, confissão da culpa, prestesa em a vir confessar ; & assi não sómente perdoa, mas justifica. Grande misericordia, infinita bondade de Deos, que em se confessando o peccador alcança perdão, & segurança de ficar justificado. Porque como diz Isaias : *Dic tu prior peccata tua, ut justificeris*. Dizei vós primeiro vossos peccados, para que sejais justificado, adiantai-vos com a Confissão, começai por ella, porque se primeiro não falar o accusado, falará o accusador com o castigo. Não he a Confissão Sacramento difficultoso, como alguns o querem fazer : antes nelle mostrou Deos quaõ amigo he de temperar o rigor da Ley Velha para com os peccadores : porque aquella em muitos

Chryf.

Chryf.

Gen. 4.

Concil.

Trid.

Isai. 43.

casos descobria os peccados, que absolvía, & publicamente mandava fazer sacrificios por peccados, que erão pregões que os publicavão; porque o povo que via fazer taes sacrificios, logo entendia que erão por taes peccados; & podião as pessoas perder credito, & autoridade. Na Ley da Graça não he assim, que temos hum Sacramento de honra qualificada, com o segredo possível, para que dizendo a pessoa seus peccados secretos ao Confessor, elles fiquem perdoados, & a honra, & credito resguardado. Facilissimo pois he o Sacramento da Confissão: ninguem tenha pejo de se chegar a ella, q̄ assim o diz o Espirito Santo: *Non confundaris confiteri peccata tua.* Não tenhais pejo de confessardes vossos peccados, & não vades contra a corrente do rio; muitas vezes estão os peccados amontoados à bocca do penitente, desejófos de sair para fóra: o peccador com pejo, ou temor não os deixa sair. Deixai-os pois sair, rompa essa presa, corra o rio, & não sejais impedimento a tão proveitosa corrente.

Eccl. 4.

Malac. 1.

Bern.

Malac. 1.

Mat. 10.

Luc. 12.

Consideração segunda.

S Bernardo diz, que a Confissão se ha de acompanhar de dobrado pejo, & dobrado temor. O pejo dobrado, considerando que offendeo a hum Pay, & Bemfeitor. O dobrado temor, lembrando-se que tem contra si a tão bom Pay, & tão bom Senhor: o Pay ama se, porque he Pay, & do Pay he compadecerse, & perdoar. Este quando dà castigo he com a vara, que só quer emenda: pois (diz elle por Malaquias) *Si ego Pater, ubi est honor meus?* Se eu sou Pay, aonde está a minha honra? Corra-se o filho que não honra tão bom Pay, & porque he ingrato a quem tanto bem lhe faz, leve este pejo à Confissão. E leve temor, vendo que offendeo a feu Bemfeitor, & Senhor; considere seu poder, & suas obras, considere que depois de matar ao corpo, tem poder para lançar no inferno a alma. Tema cair em suas mãos,

mãos, & para se livrar dellas, faça essa confissão com as tres condições que são necessarias, humilde, simples, & fiel. Humilde, conhecendo-se por muito peccador, & digno de penas do inferno, folgando que o tenham por esse, porque seus peccados o fiserão vil, & desprezado. Simples, accusando-se o peccador, & não se desculpa, nem diminuindo a culpa; porque às desculpas chama David palavras de malicia, forjadas na officina do coração. Contra si pecca o que se desculpa a si. Não he isso Confissão, mas defensão. Não se abranda com escusas, mas provoca-se a ira de Deos; porque aonde o delicto se reputa por menor, diminue-se a gloria do que dà o perdão, & menos de boa vontade se faz a merce, que com menos gratidão se recebe. Fiel, porque na Confissão vos acompañeis de esperança, não desconfiando do perdão, por graves que sejam as culpas. Cain, & Judas confessarão seus peccados, mas não forão fieis nas confissões, porque desesperarão do perdão.

Job 10.
Ps. 140.

Gen. 4.
Mat. 27.

Consideração terceira.

A Alma Santa em os Cantares diz, que apparecêrão flores em a nossa terra, & que he tempo de amañhar as vinhas: *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit.* O que em sentido espiritual quer dizer: que quando em nossa alma apparecem flores de contrição, & arrependimento de culpas, he tempo de entender no concerto da vinha, metaphora da Confissão; porque como com ferro se corta a vara da vide, lançando-se fóra o superfluo, & inutil della, assim pela Confissão se cortão, & lanção fóra os inúteis, & danosos peccados: o instrumento com que isto se faz, he a lingua, que na sagrada Escritura se chama cutello, & espada aguda. E se a lingua se chama espada, porque falando contra o proximo, corta por sua honra, como se o ferira, & matára, também quando essa lingua fala de si, & diz mal de si, não

Cant. 2.

Psal. 56.

Psal. 63.

Job 10.

a quem quer, senão ao Confessor, se chama espada aguda, que corta por si, lançando fóra as culpas, que não deixavão dar a alma fructo. Fala Job em figura do peccador, que se vê feito hũa mata de delittos, & diz: *Quid faciam, tibi, o custos hominum?* Que vos farei, Senhor, que fois guarda dos homês, que assim vos offendi? Que remedio terei? *Loquar in amaritudine animæ meæ.* Já sei o que hey de fazer. E he, que cõ a espada de minha lingua hey de cortar por mim, falando contra mim. E ainda que pareça couza amargosa a minha alma, cuidar eu que hey de descobrir meus peccados a hum homem: com tudo mais carregado parece isso, do que na realidade he: hey de falar contra mim: *Dimittam adversus me eloquium meum;* porque quem teve lingua para falar cõtra o proximo, bem he que a tenha para falar contra si em boa Confissãõ. O homem para respirar abre a bocca, & lança fóra o ar quente, com que o coração abafa, & recebe o frio, com que o refrigerá. Assim o que abre a bocca para confessar seus peccados, respira lançando fóra a peçonha que mata a alma, & recebe o fresco ar da graça que dà vida a essa alma. Com o mesmo abrir da bocca lança o peccador fóra de si peccados, & recebe em si graça do Espírito Santo. Pois ponha-se o peccador em estado, que abrindo a bocca a hũa boa Confissãõ, abertas as portas do coração a seu Deos, diga com a Alma Santa: *Surrexi ut aperirem dilecto meo.* Estava como de assento no meu vicio; mas por graça de Deos já me levantei, & abrindo a bocca a huma boa Confissãõ, fiquei abrindo as portas da alma ao meu querido Jesus, que mora dentro nella.

Consideração quarta.

Diz S. Bernardo, que quatro cousas são as que impedê o bom concerto desta vinha espiritual, porq̃ quatro são

as que impedem fazerse boa confissão: o Pejo, o Temor, a Esperança, & Desconfiança. Muitos por vergonha deixão de confessar peccados que commetterão, ou circumstancias que os aggravão. E deste pejo diz Salamão: *Est confusio adducens peccatum*: ha hum pejo, & confusão, que traz consigo peccado: assim como ha outro pejo, & confusão, que traz consigo gloria. A muitos impede o temor, fazendo os timidos, & covardes, receando o que lhes hão de dizer, & temendo a penitencia, que se lhes deve dar por suas culpas. Dos quaes diz Job: *Qui timet pruina, irruet super eos nix*. O que teme a chuva, cahirá sobre elle a neve, porque fugindo de menor mal, vai cair em outro mayor. A muitos impede a esperança, & são aquelles que dependem de respeito do mundo; & por isso não querem que ninguem saiba seus peccados, por não perderem reputação com o Confessor; destes diz Christo por S. Matheus: *Vae pregnantibus, & nutrientibus illis diebus*. Ay daquelles, que naquelles dias andão prenhes, & crião: daquelles (digamos assim) que no tempo da penitência andão prenhes de pretensões, & desejos do mundo, & a esse fim não fazem boas confissões. Outros ha que nada disto receão, mas totalmente desconfião de se emendar, tendo por certo haverem de tornar à mesma culpa depois da confissão, & esta desesperação os impede, que se não cheguem a ella. A qualquer destes impedidos se pôde dizer aquillo dos Proverbios: *Peccator cum venerit in profundum malorum, contemnit*. Quando o peccador chega ao profundo dos peccados, tudo despresa: de nenhũa cousa se lhe dà, ha se como hum corpo morto em a sepultura: do qual parece que diz o Espirito Santo: *A mortuo, velut qui non sit, perit confessio*. Não ha que tratar de confissão para com o morto, como cousa que já não he, & deixou de ser. Pois venha Christo Jesu, & diga a este sepultado: *Veni foras*, que só a esta voz resurgirá o morto. Que assim he certo, haverse mister milagres do Ceo, para hum peccador se levantar do peccado, que tem por costume.

Eccl. 4.

Matt. 24

Prov. 18.

Eccl. 17.

tume. Para aquelles quatro impedimentos que tirão fazerse boa confissão, ha seus remedios. Os que se peção de confessar peccados, corraõse mais de os commetter, que de os confessar, ou não se envergonhem de os confessar a Deos, a cujos olhos nenhũa cousa se esconde. Se se peção de os descobrir a hum só homem, que pejo será o seu no dia do Juizo, quando seus peccados a todos serão manifestos? Pois estas tres cousas se hão de oppor ao pejo, convem saber: consideração da ração: reverencia de Deos, que tudo vê: comparação de mayor pejo, & confusão. Contra o Temor se confidere, quão perpetua seja a pena do inferno, quão intoleravel, & chea de eterno temor. Contra a Esperança haja considerações dos bens eternos, que são sem limite, mais certos, & de mais tempo, pois são eternos; & em sua comparação quanto no mundo se póde desejar, he nada, incerto, & momentaneo. Contra a Desesperação de vencer o peccado, ha tres remedios: firmeza do bom proposito: a graça de Deos, que por humildade se merece: & o socorro que vem da compayxão daquelle, a quem se faz a confissão. Quem de outro modo for, vai cego, & mal encaminhado: *Qui abscondit scelera sua, (diz o Espirito Santo) non dirigitur. Qui autem confessus fuerit, & dereliquerit ea, misericordiam consequetur.* O que esconde seus peccados, não leva bom caminho. Mas o q os confessa, & põem de parte, alcançará misericordia. S. Gregorio diz, que a confissão he caminho que leva às portas do Ceo: porque estas (como diz David) entrãose pela confissão: *Introite portas ejus in confessione.* E quando confessamos nossos peccados por lagrymas, & compuncção, começamos a entrar por estas portas, que são apertadas; & pelo aperto, & angustia da Confissão disse o Senhor: *Intrate per angustam portam:* porque pelo amargoso calix da Confissão se chega ao da eterna Bemaventurança.

Prov.
28.

Gregor.
Psal. 99.

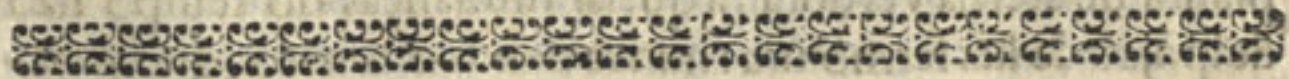
Matt. 7.
Gregor.

Consideração quinta.

A Confissão devota he hũa voz muy esforçada, que chega aos ouvidos de Deos; & então o he, que se acompaña de choro, & pranto; porque ahi ha mais, que confessar peccados; pois ha chorallos, & sentillos: peccadores muitas vezes os confessaõ, mas não os chorão: os escolhidos se os sabem confessar, tambem os sabem chorar: *Confessionis vocem necesse est ut mæror excutiat.* O pranto he o que ha de tirar com força a voz da confissão; porque o verdadeiro penitente com lagrymas ha de começar a Confissão, & com ellas ha de profeguir, & acabar, dizendo com David: *Dixi, confitebor adversus me injustitiam meam, & tu remisisti impietatem peccati mei.* Como eu disse que confessaria contra mim minha injustiça a Deos, logo elle concedeo perdão a minha maldade. Grande mélinha a da Confissão, pois só desejos della sãraõ, & dão vida; só propositos de a fazer alcanção perdão. Pois então se confessa hũa pessoa contra si, quando de tudo põem culpa a si, & não a outrem, não à occasião, nem ao que induzio, não ao demonio que o tentou, nem ao pensamento que o acompanhou, senão a si mesmo, que peccou porque quiz peccar: & por isso: *Adversus me.*

Gregor.

Psal. 31.



Cipreste.

Incorrupção.

Consideração primeira.

O Cipreste foi antiguamente arvore funebre, & por isso aborrecida de todos, & tida em prejudicial agouro, consagrada a Dites, deos infernal, & significadora de morte, & tudo que diz tristesa, & pranto, pelo que se punha às portas de pessoas eminentes, quando morrião, com sinal que ha-

Plinius.

Hijj via

via alli tristesa, & pompas funeraes, que celebrar. Porèm con- sideradas bem as cousas, o Cipreste sempre foi significador de incorrupção, & immortalidade: & o intento de se pôr Ciprestes às portas dos defuntos, era dar-se a entender ao mū- do. que taõ dignos eraõ aquelles de eterno, & immortal no- me, como o Cipreste he eterno em a verdura, & incorrupto em a madeira. E a verdade he, que naõ pôde deixar de ter excellente significado arvore, de que a sagrada Escrittura faz tanto caso, que compára a ella cousas eminentissimas. Assim se deixa entender, que foi falsa a opiniaõ que se teve da figura desta arvore, tida em maligno agouro. Caminhando o Em- perador Sevéro com sua gente, lhe sahio ao encontro huma negro, para o festejar, com ramos de Cipreste em as mãos, o que elle vendo, começou a gritar, que lhe tirassem aquelle ne- gro de sua presença, tendo em triste prognostico, assim os ra- mos de Cipreste, como a pessoa que os trazia. Fez-se assim: & naõ foi bastante afastar-se o negro de sua vista, para o Em- perador deixar de morrer dahi a poucos dias, comprindo-se o funeral agouro, que elle presentira dantes. Porèm estes prognosticos erão gentilicos, & de gente barbara, & sem co- nhecimento do verdadeiro Deos. A resolução he, que saõ muitos os louvores, que os Doutores sagrados daõ ao Ci- preste, especialmente Santo Ambrosio, que o nomea por planta de eterna verdura, a quem mudanças do tempo naõ despojaõ de sua fermosura: nunca deixa o ornato, que a na- tureza lhe deu, naõ se veste de novas flores, porque aborre- ce novidades, o mesmo he no Veraõ, que no Inverno; o seu cheiro he aromatico, & excellente, não chega bicho a ella, porque a todos afasta de si: não sente podridaõ, porque he incorrupta, & sempre persevera em o mesmo vigor, & estado:

Sic Apostolica quoque gratia nescit defectum, & venustate sui floret, diz S. Ambrosio, do mesmo modo q̃ o Cipreste flo- rece a graça Apostolica, & sua incorrupta Fé, & doutrina sin- gular, naõ havendo nella defeito, nẽ cousa q̃ diminua sua ad- miravel fermosura.

Con-

Consideração segunda.

A Eterna Sabedoria no Ecclesiastico se compára ao Cipreste: *Quasi Cipressus in monte Sion.* No que se mostra claro, que tem elle bom significado por ordem do mesmo Ceo, muito differente do que a Gentilidade lhe deu de morte, & pranto. Compara-se pois ao Cipreste em o monte de Sion; porque Christo, Sabedoria de Deos encarnada, na Igreja universal he Cipreste de eterna, & immortal verdura, o qual nunca deixou o que húa vez tomou, sempre he o mesmo, & o mesmo persevera em toda a parte, Immenso, Infinito, Incomprehensivel, com fragrancia de cheiro suavissimo. E assim como o Cipreste (quando no Inverno as outras arvores ficão sem folhas) conserva sua verdura, & traz a si os olhos de todos; assim Christo increada Sabedoria de Deos (parecendo em sua comparação apar delle todos os mais Santos arvores seccas, & elle Cipreste altissimo de graça infavel) traz a si os corações de todos, como elle disse por S. João: *Ego si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.* Do mesmo modo a sua Ley Evangelica he tão immortal, & incorrupta, que como diz Beda: *Nulla hereticorum astutiâ corrumpitur, nulla potest seculi labentis ætate consumi,* nem com astucia de hereges se pôde corromper, nem com mudanças do tempo variar, nem com o successo dos annos consumir. Por isso o Autor dos Cantares (como scientifico, & soberano architecto) quando houve de traçar os aposétos do talamo nupcial da Divina Esposa, guardando as leys da boa architectura, diz naquellas palavras: *Laquearia nostra Cypressina,* que o madeiramento da principal sala havia de ser de Cipreste, que não apodrece, & sempre lança de si suavidade de cheiro, entendendo nisto a espiritual, & immaterial Casa de Deos, que he a sua Igreja Catholica, fundada sobre firme pedra, & fabricada de huma Fé

Eccl. 24.

Joan. 12

Beda,

Cant. 1.

permanente, & doutrina incorruptivel, que o tempo não gaste, nem os annos diminuão, antes persevere sempre em perpetua verdura de belleza, & perfeição: & por mais tormentas, & tempestades que no mundo haja de erros, heresias, perseguições, & inquietações dos homens, & do mesmo inferno, já mais ha de padecer, nem ainda ameaçar ruína, porque como Christo disse por S. Mattheus: *Portæ inferi non prævalebunt adversus eam.*

Consideração terceira.

Anselm. S. Anto Anselmo, Ruperto, Origenes, & outros Autores
Rupert. sagrados querem, que tambem pelos Ciprestes se enten-
Origen. dão os Doutores da Igreja, que com sua constante fé, & agrada-
Hieron. dav el verdura de santa doutrina, & cheiro de singulares vir-
Phil. Ca. tudes permanecem, & florecem no espiritual prado da Igre-
Beda. ja de Deos. E com ração se comparão elles a esta arvore gran-
Matt. 5. de no comprimento, & verdura; porque como disse o Sal-
 vador do mundo: Aquelle que obrar, & ensinar aos homês,
Eccl. 30. ferà chamado grande em o Reyno dos Ceos: *Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur in Regno Cælorum.* O Espírito Santo compara no Ecclesiastico a virtude de Simão summo Sacerdote, filho de Onias, ao Cipreste: *Cypressus in altitudinem se extollens*, por suas excellencias, & prerogativas, de que faz largo compendio: chamandolhe Cipreste q̄ se levanta em grande altura. Santo Ambrosio quer que ao Cipreste seja comparado qualquer Justo, cuja virtude se não corrompe, nem os bons intentos se lhe mudão, nem os fructos das boas obras deixão de ser os mesmos, sempre reverdece cõ lembranças do Ceo, sóbe cõ o pensamento ao alto, & sustenta as virtudes com admiravel fortaleza, & por isso: *Nunquam defluit, nunquam deficit*; né desfallece, nem enfraquece, porq̄ tudo nelle he firme, & immovel, nenhũa cousa varia, nenhũa de sorte, q̄ nella não aproveite, & cresça em altura de
Ambr. Cipreste. Com-

Consideração quarta.

A Incorruptão significada no Cipreste he hum dos do-
tes que terão os corpos gloriófos na outra vida. E quã-
do S. Paulo aos Romanos diz, que Deos darà a cada hum se-
gundo as obras que fizer, aponta que aos que buscão vida
eterna ha de dar gloria, honra, & incorruptão: *Gloriam, & Rom. 2.*
honorem, & incorruptionem querentibus vitam eternã.
E aos peccadores indignação, trabalhos, angustias, & tor-
mentos eternos: & escrevendo aos de Corintho, diz que a *1. Cor.*
carne, & sangue não pódem possuir o Reyno de Deos, nem *15.*
a corruptão terá por premio incorruptão; mas havendo bõ
procedimento de vida, importa então que o corruptivel se
vista de incorruptão, & o mortal de immortal. He a incor-
ruptão hum dos principaes attributos que Deos tem, pelo
qual o nomeão os Santos, que lhe chamão Deos incorrupti-
vel, como o nomea o mesmo Apostolo S. Paulo, escrevendo *Rom. 1.*
aos Romanos, & reprehendendo aquelles, que conhecendo
a Deos, & recebendo d'elle muitas merces, & misericordias,
não o quiserão honrar, & glorificar como a Deos; mas co-
mo se perdêrão o juizo, mudarão a gloria do incorrup-
tivel Deos, em a semelhança da imagem corruptivel de
homens, animaes, & serpentes, adorando estatuas de pao, &
pedra, & deixando-se ir atraz de seus appetites, & vicios abo-
minaveis: amando as creaturas, & esquecendo-se do immẽ-
so Creador de todas as cousas. Mas nós outros os Christãos *1. Pet. 1.*
(côfôrme diz S. Pedro) temos que dar muitas graças a Deos,
o qual segundo sua infinita misericordia nos regenerou para
hũa esperança viva, pela gloriosa Resurreição de seu Unige-
nito Filho, a hũa herança incorruptivel, incontaminada, &
immaculada, que em os Ceos nos està guardada: *In heredi-
tatem incorruptibilem, & incontaminatam.* Na mesma E-
pistola nos exhorta, que nos lembremos, que renacemos já
para

Sap. 6.

para o Ceo, não de cousa corruptivel, mas incorruptivel, pela palavra de Deos vivo, & permanente: sendo assim que toda a carne he feno, & toda a gloria do mundo como flor de feno: seccouse o feno, & cahiolhe a flor; mas a palavra de Deos permanece para sempre. Pois se queremos possuir este dom da incorrupção, façamos o que nos aconselha o Espirito Santo no livro da Sabedoria, aonde diz: *Custoditio legū, consummatio incorruptionis est, incorruptio autem facit proximum esse Deo.* A guarda da Ley de Deos he certesa do premio da incorrupção, & a incorrupção he aquelle felice dom que nos faz estar chegados a Deos, que tem por particular attributo ser incorruptivel.

Sandallo.

Tribulações.

Consideração primeira.

Cassiod.

Ioan. 19.

Gregor.

Niss.

Theod.

O Sandalo, que por outro nome na sagrada Escriitura se chama Aloe, he arvore do Oriente, cuja madeira (como diz Cassiodoro) he de taõ suave cheiro, que serve para incensar os Altares em lugar de incenso, & della sahe hum licor, que he na virtude semelhante ao da Myrrha, & por isso misturando-se com ella, se compõem hum unguento, q̄ serve de conservar corpos defuntos; & assim diz o Evangelista S. Joaõ, que para sepultar a Christo nosso bem, veyo Nicodemus: *Ferens misturam myrrhae, & aloe quasi libras centū,* trazendo perto de cem arratens de Myrrha misturada com Aloe, que era unguento aromatico para embalsamar corpos defuntos. Chama-se Sandalo, porque a versãõ Hebræa, aonde nõs lemos Aloe, tem Sandalum, que he a arvore, de que procede este licor odorifero, ainda que muito amargoso, & por isso S. Gregorio Nisseno, & Theodoretto com outros mais querem que por ella se entendaõ as tribulações, que saõ

amar-

amargosas, como este licor he, & estas são as plátas, que Deos tem no jardim da Igreja, Myrrha de Mortificação, Sandalos de Tribulações, Balsamo de Misericordia, & assim outras significadoras de virtudes semelhantes. Por isso se ungiu o Corpo de Christo com Myrrha, & Aloes, porque só de amargura, & tribulações foi este Senhor acompanhado em sua Morte, & Payxão. Com estas o deve acompanhar qualquer alma Christã, porque como diz Nisseno, não será participante de sua gloria quem se não conformar com a semelhança de sua morte. Quem não acompanha a Christo com tribulações, diz Santo Augustinho, que ainda não começou a ser Christão. Se Christo foi attribulado, tambem o Christão o deve ser, para se conformar com elle; que esta he a fazenda que deixou aos seus Fieis, tribulações, angustias, afrontas, & trabalhos: estas são suas riquezas, porque na colheita della poz os bens do Ceo. Por isso quando o Divino Esposo vem à sua horta, não se diz, que vem colher rosas, & flores de recreação, mas myrrha de mortificação, & amargura, esta he a sua colheita: *Veni in hortum meum, messui myrrham meam.* E então colhe esta myrrha, quando vê que o attribulado o imita em sua Payxão, sofrendo bem os trabalhos, perdoando a inimigos, & rogando por elles a Deos. E por isso quiz este Senhor ser coroado de espinhos, publicando-se ao mundo por Rey de afflictos, para que todos acudão a elle, como acodião a David perseguido: *Omnes qui erant amaro animo, & factus est eorum dux;* todos os que estavam em amarguras se acolhião a David, & elle se fez Capitão de gente afflicta, Principe de attribulados. Esta pois he a fazenda, & herança que deixou a seus filhos, & então declarou que lha deixava, quando disse a seus Discipulos: *Si me persecuti sunt, & vos persequentur.* Se me a mim perseguirão, tambem vos hão de perseguir a vós. Por isso diz o Apostolo S. Pedro, que quando alguem vir que padece como Christão, dê muitas graças a Deos em este nome, porque nisso mostra q̄ he filho de

Cant. 4.

Greg.

Niss.

August.

Cant. 5.

Mat. 27.

Joan. 19.

1. Reg.

22.

Joan. 15

de

de tão bom Pay, soldado de tão excellente Capitão: *Si quis*
 1. Pet. 4. *patietur, ut Christianus glorificet Deum in isto nomine.*
 Delhe muitas graças, quando se vir com tribulações, & fol-
 gue com ellas, pois são merces que Deos lhe faz, mostras do
 amor que lhe tem, preservativos com que o livra de males, &
 P. sal. 90. mefinhas com que lhe dà saúde: *Cum ipso sum in tribula-*
tione, diz elle por David: com o attribulado estou na sua tri-
 bulação, eu terei cuidado de o livrar della.

Consideração segunda.

DEve-se considerar, que pela tribulação se desposa hũa
 alma com Deos, & a alma entãõ lhe pôde dizer o que
 Exod. 4. Sara a Abrahão: *Sponsus sanguinum tu mihi es*, fois para
 mim esposo de sangue, esposo de tribulações hũas a poz ou-
 tras, & com tudo fois esposo, que amais, & fazeis merces a
 quem admittis em o leito das tribulações, aonde primeiro
 vos inclinastes. Foi a Cruz de Christo leito de amarguras,
 P. sal. 3. aonde se lançou a dormir: *Dormivi, & soporatus sum.* Foi
 Luc. 8. a nao em que hia dormindo, quando fazia grande tempesta-
 de, & grande merce faz a quem admitte neste leito, ou nesta
 embarcação, aonde na mayor tempestade se sente mais sosse-
 go, no mayor estrondo mayor quietação. Por isso dizia o A-
 2. Cor. 12. postolo S. Paulo: *Placeo mihi in infirmitatibus meis, in*
cõtumeliis, in necessitatibus, in angustiis. Muito gosto rece-
 bo nas minhas enfermidades, nas afrontas, angustias, & mais
 trabalhos: com isto folgo, porque trabalhos me adormecẽ,
 2. Cor. 19. elles me trazem o sono, & me estão dando musica. Elias
 quando mais perseguido, & attribulado, entãõ adormece à
 sombra da giesta, porque perseguições em os justos são leito
 em que passaõ suave sono. Peccadores fogem delle, & vão
 cair no lugar de perpetuas tribulações; mas os justos vendo o
 leito de seu remedio, com muita pressa se lançaõ nelle, dicen-
 do com David: *In pace in id ipsum dormiam, & requiescã.*
 P. sal. 4. Aqui

Aqui dormirei, & repoufarei em companhia de meu Christo, em paz, em sossego, & summa quietação; porque assim como nelle ha abundancia de payxões, tambem a ha de cõsolações: *Sicut abundant Passiones Christi in nobis, ita & per Christum abundat consolatio nostra.* Se as payxões de Christo em nós são em abundancia, tambem a sentimos grande em as consolações que nos dá. E muito he o que Deos se alegra, quando vê que a alma tem gosto das tribulações. A mãy quando vê que o filho come com gosto o manjar que lhe fez, mais se alegra com isso, do que se comera delle, pelo amor que lhe tem. Deos quando vê que a alma attribulada tem gosto dos trabalhos que padece, & os sofre bem, folga de ver q̄ lhe sabe aquillo bem, porque são tribulações manjares, que elle dá a quem mais quer: *Quem diligit Dominus castigat*, diz S. *Heb. 12.* Paulo: *Flagellat autem filium, quem recipit.* A quem o Senhor ama, dalhe castigos, & he certo que açouta ao filho, que recebe; mas elle he o que lhes diz animando-os: *In mundo pressuram habebitis, sed confidite, ego vici mundum.* No mundo os manjares que haveis de ter, são apertos, & tribulações; mas confiai, que eu venci o mundo, & sou o que vos hey de fazer vencedores, & darvos grande premio. São tribulações manjares de que sahe doçura, como Sanção vio que da bocca do Leão morto sahia mel, & assim disse: *De comedente exivit cibus, & de forti egressa est dulcedo*, do q̄ comia gente, & tragava homens, sahia manjar, & do forte doçura; enigma he este, que ninguem soube adevinhar, porque ninguem podia cuidar, que da tribulação sahissem comer, & do trabalho doçura, como do Leão mel, se o mesmo Sanção o não declarara, como Christo figurado nelle declarou aos homens, que das tribulações se colhia gloria, da Cruz premio, do vituperio honra, enigma muy escuro aos homens; por isso disse que erão Bemaventurados os que padecião perseguição por amor da justiça, porque delles era o Reyno dos Ceos, que das tribulações se fazem coroas não corruptiveis, *Matt. 5.*
1. Cor. 9.

mas

mas incorruptas, com que nos Ceos haõ de ser coroados os perseguidos pela justiça. Por isso as tribulações são fruttos suavissimos da Cruz de Christo, flores de sua divina graça, que significão estar perto o Veraõ, tempo de recolher vida eterna: & assim só ao attribulado chama David Bemaventurado; porque ha de comer do frutto de seus trabalhos: *Laboreres manuum tuarum quia manducabis, beatus es.*

Pf. 127.

Consideração terceira.

Iacob 1.

Act. 26.

Cant. 1.

Bernar.

Bernar.

DEve-se considerar, que são as tribulações delicias, porque taes as julgavão os Santos, que as padecião. Por delicias as tinha Santiago quando dizia, que tivessem por todo gosto cair em varias tribulações. S. Paulo dizia, que tudo desejava dar, & communicar aos Fieis, senão as suas tribulações, porque erão delicias suas: *Exceptis vinculis his,* dizia elle ao Proconsul Felix. Desejo diante de Deos, q não sómente vòs, mas todos os que me ouvem, fosseis taes, qual eu sou, & participasseis do que eu participo, tirando estes grilhões, que são gostos, & prazeres meus, que estes não quero eu apartar de mim. Esta he a ração, porque a Esposa Divina desejava para si as tribulações, & as cõsolações para os outros, naquellas palavras: *Trabe me post te, curremus in odorem.* Trazeime Senhor apoz vòs, & correremos ao vosso cheiro: aonde S. Bernardo pergunta, porque não fala sempre de hũ modo, dizendo: Trazeime Senhor, & correime, senão que diz: trazeime, & correremos. O diz o Santo, porque o seguir a Christo se faz com trabalho, & tribulação, diz ella, trazeime Senhor apoz vòs; porque para mim quero o trabalho, & a angustia de vos seguir, mas se he para vos gozar, & participar de vossos bens, *curremus,* quero que corramos muitos. Para os prazeres feção muitos, para as dores vã eu só: *Quod durum videtur retineo mihi tanquam forti, & dico trabe me.* Aquillo que parece duro para mim o quero, que sei de
minha

minha fortaleza, & posso com rigores; porèm as consolações sejam para todos. E porque sei que ha almas mimosas, & delicadas, que pôdem menos com os trabalhos, quisera eu que corresse ao premio, & não que comigo apar fossem tralidas: *Volo habere socias consolationis, sed non tribulationis*: quero-as ter por praceiras na consolação, & não em a tribulação.

Consideração quarta.

Tribulações são sombras, que desapparecem, & fogem com a ligeireza que sombras passam. Os Filósofos Gentios conhecerão isto dellas por lume natural, diffinindo todos os males com que somos perseguidos, & dizendo, que afflicções, miserias, & angustias são mera imaginação, & opinião fantastica, não podendo ellas empecer a quem se sabe entender. Podeis ser tão perseguido, (diz Seneca) que vos desterrem, pois aonde vos lançarem, nunca vos tirarão a patria, ainda que tirem o lugar. Para qualquer terra que fordes, ides para a vossa terra; que aquella he a vossa patria, aonde vos vai bem, no homem está, & não em o lugar. Em vós está fazervos a tribulação mal, ou bem. Se sois sabio, não vos fará dano, se o não sois, muito vos cansará. Dizia Attalo Estoico, que mais queria andar com a fortuna em guerra, que em delicias: *Malo me fortuna in castris, quam in delitiis habeat*. quando esta me cança, então me vai bem, quando me attri- bula, então me regala. Dizia Demetrio Filosofo, que lhe parecia não haver cousa mais infeliz, que a pessoa a quem não acontecia nenhũa adversidade, pois os deuses não fazião caso della, nem querião experimentar quem era. Não temo a tribulação, (dizia Seneca) porque he adversario, que com facilidade se vence: *Non opus est in illū totā potentia mea, le- vi comminatione pelletur*. Para vencer adversidades, não he necessario sair com toda a minha potencia, pois com leves

Senec.

Attal.

Senec.

ameaças as a fugento. A fortuna sempre acommette aos mais fortes, passa pelos que o não são, porque os despreza. Entendeo que era forte Mucio, experimentou-o no fogo, a Fabricio na pobreza, a Regulo nos tormentos, a Rutilio no desterro, a Socrates na peçonha, a Catão na morte. Não se acha grande exemplo, senão em grande tribulação. Os varões militares gloriãose das feridas recebidas na guerra, com ellas vê alegres para casa, & com alegria as mostrão; & na verdade assim he, que dos que vem da guerra, mais se attenta para o q̄ vem ferido, que para o que vem saõ: *Ex acie magis spectatur qui saucius redit.* De sorte que a gloria do soldado está nas feridas, & a do homem nas tribulações, nellas se vê quem he, nellas mostra o espirito que tem. Na tempestade se vê o piloto, na guerra o soldado: & assim mal se pôde saber quem a pessoa seja nas adversidades, se sempre viveo em prosperidades; que experiencia pôde fazer contra a pobreza o que tem abundancia de riquezas? Donde saberemos da constancia do outro, contra as ignominias, se foi sempre criado cõ favores, & louvores dos homens? Estes se pôdem chamar miseraveis, que envelhecem nas felicidades do mundo, detendo-os em o mar morto a tranquillidade do caminho: julgando por novo o que ao diante lhes succede. As tribulações, & adversidades, quando são continuas, ainda tem comigo hum bem, que fazem coração de pedra a quem as padece, para não as sentir: *Quos sepe vexat infelicitas, novissimè indurat*, diz Seneca, consolando a Marcia: os que são perseguidos com adversidades de cada dia, vemse a endurecer de forte, que não as sentem. Pois se as tribulações significadas no Sandalo, tem tanto bem, & encerrão tão grandes riquezas, folgemos com ellas, & pelo menos soframolas bem, quando Deos com ellas nos visitar, como bom amigo, & Pay de misericordia.

Senec.

Senec.

Romã.

Conformidade.

Consideração primeira.

A Romã he fructo daquella arvore muitas vezes referida na sagrada Escriptura, que hũas vezes se chama *Malus granata*, outras *Malus punica*, & em Portuguez Romeira. Significa-se nella tudo o que diz conformidade, concordia, & união de vontades; porque assim como tantos grãos estão unidos, & conformes dentro da Romã, crescendo todos igualmente em suas proporções, tendo todos hũa cor, & parecendo-se muito huns com os outros: assim os corações, & vontades que se unem, & conformão, todas juntas ficão fazendo hum corpo, & hũa mystica Republica, conservando-se em hum ser, & não differençando em nada. Por semelhante conformidade dizia David: Que não havia me-

Psal. 31,

sua oração, & sacrificio ser aceito a Deos, havião todos de estar unidos em caridade, & amor fraternal, como estão tantos grãos unidos, & bem ordenados dentro da Romã; & como estes grãos são vermelhos, assim devem estar nossos corações inflammados, & acesos no amor de Deos, & do proximo, repartindo-se igualmente nossa caridade com todos, do modo que dizia David, que a caridade havia de ser como o unguento aromatico, que cahia da cabeça de Aaron à sua barba, & dahi hia correndo todas as mais partes do vestido Sacerdotal, até as extremidades delle, significando nisto, que a caridade não ha de ser só para huns, & não para outros, & os bens que desta caridade manão, não hão de parar só em certas, & limitadas pessoas. Razaõ he, que os bens comecem pelos que são cabeças, & tem superioridade; mas tambem he necessario, que dessas cabeças se repartão esses bens, & venhão aos que ficão abaixo, & são inferiores, & enfim, que desça esse oleo até os pés, & extremidades do vestido, que são os mais pobres, & miseraveis. O que então se faz ao contrario, quando as boas, & proveitosas cousas não passaõ dos grandes, que tudo querem para si, & nada para os outros, fica este unguento sem passar da cabeça. E a outros não passa das mãos, com as quaes apanhão tudo, sem chegar nada aos pés, que são os pequenos, & pobres. Pois por isso diz David, que a caridade ha de ser como este unguento, que da cabeça de Aaron descia até os pés, porque a todos se hão de repartir, & por todos se devem espalhar os bens, que do alto procedem, & a caridade tem de obrigação repartir a todos em géral.

Consideração segunda.

N Este significado da Romã quer Euquerio, & S. Gregorio, se entenda a conformidade, & união da Igreja

Catholica: porque assim como dentro da Romã estão guardados, & fortalecidos muitos grãos, assim a união da Fé está cobrindo, & amparado innumeraveis povos da santa Igreja, os quaes interiormente tem diversidade de merecimentos. E por isso mandava Deos, que naquelle vestido Sacerdotal com as Romãs se ajuntassem campainhas, para que em tudo o que dizemos, & falamos, com muy acutelada observancia, & religiosa doutrina sigamos esta união, & conformidade da Fé. E porque o Sacerdote por onde for fale, & apregoe louvores, & grandezas de Deos, sendo suas palavras ouro finissimo. E quando nos Cantares diz o Esposo, que as faces da sua Esposa são como pedaços da Romã, diz o mesmo S. Gregorio, que isto se entende pelos Pregadores, que são parte desta Romã, que he a Igreja, os quaes estão em a face della, eminentes a todos, & à vista dos povos, para que enfim, & aproveitem aos Fieis. E quando os taes se canção por aquietar, & concordar os proximos, quando se affligem pelo espirital bem da gente, & quando desprezaõ o mundo, & tudo o que nelle ha, & com seu exemplo, & doutrina alentão aos ouvintes, então são pedaços da Romã, de que o povo Fiel come, & sustenta, como de manjar de eterna vida. E então vem o Celestial Esposo à sua horta, ver se florecem as Romãs, quando os perfeitos edificão, & aproveitão os proximos, & com suas pregações, & admoestações do Ceo os guião, & levão a hũa novidade de santa conversação, desejando para elles todos os bens da alma, que hum bom pay pôde desejar aos filhos: como era bom pedaço desta Romã o Apostolo S. Paulo, que cançando-se, & desvelando-se pelo aproveitamento dos que tinha convertido à Fé, com muita brandura os chamava filhos de suas entranhas, que elle de novo trazia à luz em quanto Christo se formava, & transformava nelles. Isto dizemos acerca da Romã, que por significar conformidade, tambem nella se significa a Igreja, que purpurizada (como diz Santo Ambrosio) com o precioso

Cant. 4.

Cant. 6.

e 7.

Galat. 4.

fangue do immaculado Cordeiro, & com o que apoz elle derramãrão tantos exercitos de Martyres, està representando hũa admiravel fortaleza, bem murada, & resguardada, aonde se encerraõ innumeraveis póvos, dos que crem, com muitos, & muy ricos thesouros, infinitas graças, & prerogativas de q̄ Deos a adornou, & ha de conservar até o fim do mundo.

Consideração terceira.

Cant. 6.

DEsce Deos à sua horta para ver se florecem as Romãs, porque desce Deos à sua Igreja, para ver se acha conformidade nella, & os fruttos que desta conformidade nascem. Desce Deos às Congregações, & Comunidades de gente religiosa, para ver a concordia, & caridade que acha entre elles, a qual deve ser muita, pois para a terem, & para se conservarem nella, vivem todos juntos debaixo da mesma Regra, obedecendo todos a huns preceitos, servindolhe de grande vinculo de caridade o estar juntos. Nota S. Chrysofomo, que sendo Job justo, permittia que seus filhos andassem de continuo em convites, convidando-se huns aos outros, pela ordem dos dias, porque antes pelo contrario parece que os houvera de tirar disso, ensinando-os que fossem abstinentes, & deixassem de frequentar convites. Mas não nos admiremos disto, (diz este glorioso Doutor) porque vêdo Job a grande conformidade que entre si tinhaõ sette filhos, que Deos lhe dera, & entendendo que o demonio invejoso desta união, os havia de dividir, & apartar com diferenças, & desgostos, pois os poz entre Cain, & Abel, (que erãõ só dous irmãos no mundo, & não tinhamõ mais guerra, q̄ a desconformidade de corações) para que se conservassem neste amor, obrigava-os a que se convidassem sempre huns aos outros, & fizessem banquetes entre si, sabendo muy bem, que a mesa continua desterrava dissensões; & o comer, & conversar de huns com outros, tirava queixas, quando as pudesse

Chryf.

Job 1.

desse haver: *Quoniam ex mensa continua maligna quedam intercidentia solverentur.* E tanto invejou o inimigo infernal esta conformidade de irmãos, que os matou a todos sette ao meyo dia, em tempo que começando a comer, estavam mais unidos, & conformes em hũa mesma cousa, então os matou: *Cum ad pacem conjungebantur*, quando se ajuntavão para paz, & concordia. Esta he rara entre irmãos, & já parece que a não havia entre Esau, & Jacob, sem haver occasião disso, pois ainda não erão nascidos, quando já tinham batalhas com dor, & sentimento da mãy. Grande era o da Esposa Divina, quando dizia: *Nolite me considerare quòd fusca sim*, ninguem cuide que o ter eu a cor perdida he porque o Sol me queima o carão, & me faz negra, desgostos me tem posto neste estado: *Filii matris mee pugnaverunt adversus me*, os filhos de minha mãy tiverão differenças comigo, não os nomeyo por irmãos, pois mo não merecem: pelejão comigo, & pelejão entre si, não os entendo, nem sei porque me perseguem. Tinha Sciluro oitenta filhos machos, & estando para morrer, chamou a todos, & mandando trazer diante de si hum mólho de varas, mandou a cada hum em particular que as quebrasse; recusando elles de o fazer, porque era impossivel quebrar tantas varas juntas, tomou elle o feixe dellas, & quebrando hũa, & hũa até o fim, lhes disse: *Si concordetis eritis, invicti permanebitis*, se todos fordes conformes, & unidos entre vòs, sereis invenciveis, & conservarvos heis por muito tempo; mas se entre vòs houver differenças, & discordias de sorte, que vos aparteis da uniaõ que agora tendes: *Imbecilles eritis, & expugnabiles*, ficareis com tão poucas forças, que quem quer vos vencerà. Esta he a conformidade de irmãos, amigos, & parentes, que o Sabio louva: *Amicitia fratrum, & concordia proximorum, & vir, & mulier secum consentientes.* E esta he a concordia, & boa amisade, que faz a duas pessoas hũa cidade fortissima, quanto mais quando as vontades concordetis forem de muitos.

Chryf.

Gen. 25.

Cant. 1.

Stobeuſ.

Prov.

18.

Prov.
18.

Frater à fratre adjutus, quasi civitas firma, diz Salamaõ: o irmaõ ajudado de seu irmaõ, ou com o conselho, ou com a boa amisade, & uniaõ que tem entre si, he hũa cidade bem fortalecida. Estavaõ os Lacedemonios hum dia consultando como haviaõ de murar a cidade, que até entaõ tinha só por muro a concordia, & uniaõ de todos os cidadãos della; chegou Iseo Sophista, & vendo-os com alteraçõs entre si, repetio aquelle verso de Homero, que naquella occasiaõ tinha notavel sentido.

Philost.

Scutum haesit scuto, galea galea, atque viro vir.

E quer dizer: Hum escudo se pegou a outro escudo, hum capacete a outro capacete, hum soldado a outro soldado. E accrescentou: Fazei vòs assim Lacedemonios, & ficareis cercados de muros inexpugnaveis: dandolhe a entender, que a fortaleza das cousas consiste na uniaõ dellas, a defenõ d s cidades na concordia dos cidadãos, & a cõservaçã das Republicas em a paz dos que habitã nellas. Isto foi o que Licurgo depois lhes aconselhou, quando escrevendolhe os Lacedemonios, de que modo se podiaõ defender de seus inimigos, respondeo elle em breves palavras: *Si contentiones mutuas deponatis*: entaõ tereis segura defenõ contra os adversarios, que deixardes contendas, & dissensões entre vòs. Diz S. Gregorio, que por isso a Igreja Catholica he chamada terribel como esquadraõ de gente de guerra bem ordenada:

Plutar.

Cant. 6.

Terribilis ut castrorum acies ordinata; porque os seus Fieis estaõ unidos por caridade, & nunca diferentes por discordia: & por isso os malignos espiritos tem medo da multidão dos escolhidos, porque por meyo da concordia os vem unidos, & fortalecidos contra si: & por isso a Igreja lhes parece terribel como exercito bem ordenado, porque a caridade ordena tudo muito bem. S. Chrysoftomo diz, que aonde ha conformidade de corações, ahi ha abundancia de todos os bens, ahi a paz, & caridade, ahi toda a espiritual alegria: nenhũa guerra, nenhũa dissensã, nenhũas inimidades, & contendas,

Chrysf.

tendas, que todas estas se lanção fóra pela concordia, raiz de todos os bens: *Nihil concordia, & mutua voluntati equi- parandum*, diz elle. Não ha cousa que se iguale à concordia, & vontade, que corresponde com a nossa. Aonde dous, ou dez estaõ conformes, ha este bem, que hum fica representãdo dez, & dez ficão fendo hum; cada hum he como se foraõ muitos, & muitos como se foraõ hum só: em dez achais hũ, & hum em dez: *Invenies in decem unum, in unum decem.* Chryf.

Pelo contrario, quem tem a hum inimigo, não guerra com hum só, mas com muitos: & quem acommette a hum, acõmette a muitos, & se fica vencido de hum, de muitos parece q̄ ficou vencido, porque não he hum só o que vos resiste, & inquieta, senão muitos incorporados em hum fugeito contrario. Esta he a excellencia da conformidade, que faz a huma pessoa invencivel, & multiplicada em muitos, de sorte que aquillo que a natureza não póde fazer, faz a uniaõ de vontades; porque faz que a pessoa, que tem bons amigos, esteja aqui, em Roma, & na Persia, & em muitos lugares; & quando tiver mil amigos, estará em mil partes. Grande excellencia da uniaõ: *Ut mille unus efficiatur*, diz Chryfostomo, que Chryf.

faz de hũa pessoa mil. E pelo contrario, a discordia de mil não faz hum só: & o que não tem amigos, que he grandissima ignorancia, de todos estes bens carece: por isso só de loucos he dizer, que não tem amigos, como diz o Sabio: *Fatuo Eccl. 20.*
non erit amicus, só o louco não tem amigos, porque não cõsidera o bem que he ter amigos. E pois a conformidade he taõ grande bem, conformemo-nos todos no bem, & como diz S. Paulo, unidos todos em hũa vontade, sintamos huma Philip. 2
mesma cousa, & daqui se seguirá, que todos conformes em hum espirito, honremos cõ hũa mesma voz ao Eterno Deos, & Pay de Christo Jesu: *Ut unanimes uno ore honorificetis Rom. 15.*
Deum, & Patrem Domini nostri Jesu Christi.

Flor de Romã.

Perfeiçãõ.

Consideração primeira.

DA flor das Romãs se fala na divina Escriitura, quando em os Cantares convida o Soberano Esposo a Alma Santa para irem às hortas ver se as romeiras sahem com flor: *Si floruerunt mala punica.* Pela flor desta arvore entendem os Doutores sagrados a perfeiçãõ. Assim diz S. Gregorio, que entãõ vem o Esposo ver se florecem as Romãs: *Quando perfectos quosque respicit,* quando attenta para os que são perfectos, & vê como aproveitaõ cada dia mais no caminho da virtude, conhecendo nas flores os fruttos da arvore. Florecem as romeiras, diz Cassiodoro, quando aquelles que tem aproveitado em a Fé, & obras santas, tem desejo de padecer muito pela justiça, o que he proprio dos perfectos. Philo diz, que aquelles são flores de Romãs: *Qui à floribus virtutum ad fructus pervenere,* os quaes das flores das virtudes chegarãõ a dar fruttos, & fruttos de Romãs, q̃ são mysteriõs.

*Cant. 7.
Gregor.**Cassiod.**Phil. Ca.**Consideração segunda.*

NEsta flor se vem duas cousas, pelas quaes se lhe dà o significado de perfeiçãõ, convem a saber, hũa cor inflã-mada, como chamma de fogo, & a coroa, ou diadema dessa mesma cor; cousas em que os perfectos se asfinalaõ, & deixaõ conhecer, como he a ardente caridade para com Deos, & o proximo, & nessa caridade a grande perfeiçãõ em que resplandecem; coroa, & diadema de gloria com que alcançaõ o Reyno dos Ceos, q̃ he Reyno da caridade. Diz pois Deos, que quer ir ver se tem as vinhas flores, & se as flores daõ fruttos, & finalmente se as romeiras florecem, porque primeiro

Cant. 3.

vè

vè se as almas significadas em as vinhas tem flores de bons desejos, & se desses desejos resultaõ boas obras; mas ultimamente busca flores de Romãs, que he perfeiçãõ das virtudes; porque como dizem os Santos, para a vida eterna nenhuma cousa aproveitariaõ as obras dos Fieis, por boas, & grandes que fossem, se nellas se não achasse a flor da Romã, que he caridade, & perfeiçãõ, significadas nella. A Romã entre todos os pomos conserva sempre consigo a sua flor, como coroa: com ella cresce, & nunca deixa de a ter, até que seja fructo, que se coma. No que se nos dà a entender, que ainda que em todas as boas obras nenhum desejo se guarde para a outra vida, que tudo tiver comprimento, quando da flor sair o fructo: na caridade com tudo sempre se conserva a flor, porque nunca se faz taõ grande obra de caridade, que ainda não fique desejo de se fazerem mayores, & mais sobidas, dando-se mais excellentes mostras de amor no mesmo Ceo: de forte que esta caridade perfeita ainda alli floresce. Por isso diz o Apostolo S. Paulo: *Charitas nunquam excidit*, nunca a caridade deixa de ser, não he flor que cahe, sempre permanece, ou se acabem as profecias, ou as linguas cessem, ou a sciencia se destrua; mas quando vier o que he perfeito, quando a flor cair com fructo, & o desejo for cõmutado em obra perfeita, então se acabará todo o desejo que em parte havia, convém saber, aquelle desejo, que não era perfeito, & pelo não ser em parte o havia. Isto que fica ditto he consideraçãõ dos Padres antigos, acerca do significado da flor da Romã, que diz perfeiçãõ. Esta se alcança dos que pretendem possuilla cõ profunda humildade: assim diz Santo Augustinho: *Perfectio nostra ipsa nostra est humilitas*. A nossa perfeiçãõ he a nossa mesma humildade, quem mais humilde for, mais perfeito será, & ninguem ficará mais longe da perfeiçãõ, que quem ficar mais perto da soberba, sendo altivo, & arrogante: porq̃ por ditto do mesmo Santo: *Nil sic impedit perfectionem, quomodo superbia*: nenhuma cousa assim impede a perfeiçãõ,

1. Cor.
13.

August.

August.

como

como a soberba, & nenhũa cousa vos tirará serdes perfeito, como cuidardes que sois perfeito; porque de outro modo não podeis ser perfeito, senão souberdes que não podeis ser aqui perfeito. A perfeição (como diz S. Chrysostomo) não está em hũa pessoa fazer milagres, mas em ter fé, & boas obras. A perfeição de S. Pedro não esteve em resuscitar mortos, & dar vista a cegos, senão em aquella virtude, que elle

Chryf.

Act. 3.

manifestou, quando disse a hum coixo, & manco: *Argentum, & aurum non est mihi, quod autem habeo hoc tibi do:* Eu sou pobre, & não rico, não possuo prata, nem ouro, dou-te o que tenho, & posso dar, que he caridade, & desejos de te ver

Chryf.

saõ em nome de meu Deus, & Senhor: *Quotquot sponte pauperes sunt, omnia bona habent,* diz Chrysostomo, os q̄ professaõ voluntaria pobreza, esses possuem todos os bens: muito tem que dar, a muitos podem fazer bem, disso se podem alegrar, & não de fazer milagres, como disse Christo a seus Apostolos, que se não quisessem alegrar, porque os demonios lhes obedeciaõ, mas porque seus nomes estavaõ escritos em o livro da vida pela perfeição de virtudes, em que resplandeciaõ.

Luc. 10.

Consideração terceira.

Senec.

HE muito para considerar, ver como Seneca debuxa o estado de hum homem perfeito, sendo Gentio, que não alcançava o em que consistia a verdadeira perfeição. Naquelle diz elle, entendemos que está a virtude perfeita, que sempre he o mesmo, & em toda a operação igual a si, não bom por conselho, mas por costume, & natureza; habituado não sómente a fazer bem, mas a não poder obrar cousa q̄ não seja bem. O que está aparelhado a ver a morte cõ o mesmo rosto, que ouve falar nella. O que em grandes trabalhos mostra mayor paciencia: o que igualmente despreza riquezas presentes, & ausentes, nem mais triste com a perda dellas, nem mais alegre com o accrescentamento dellas. O que não sente

a fortuna,

o fortuna, nem quando lhe entra prospera em casa, nem quando se sahe adversa fóra de casa. O que olha para todas as terras, como se todas forão suas, suas como se forão de todos. O que assim vive, como quem sabe que nasceo para os outros, & com este titulo dà graças à natureza das cousas, que o fez só para todos, & a todos para elle. Aquelle que nem guarda mal isso que tem, nem prodigamente o desperdiça, nem cuida que possue melhor cousa que o bem ganhado, nem lhe parece muito o muito que deu a pessoa digna: o que nenhũa cousa faz por opinião, mas por consciencia, crendo que faz à vista de todo o povo o que faz, sabendo-o elle só; cujo fim de comer he satisfazer a natureza, & não ao appetite; o que he agradavel aos amigos, & aos inimigos facil, & brando; o que concede a cousa antes de ser rogado, sendo o que sahe ao encontro a honestas petições. O que tem toda a terra por seu natural, aos deoses por governadores della, sobre si, & ao redor de si, julgadores de suas obras, & palavras. Aquelle que quando morre sahe deste mundo testemunhando que amou sempre a boa consciencia, os bons propositos, & intentos, não se diminuindo por elle a liberdade de alguem, nem a sua por alguem. Quem assim o fizer (diz elle) *Ad deos iter faciet*, caminha para os Ceos. Quem assim o não fizer, por alto que voe, como outro Faetonte: *Magnis tamen excidet ausis*.

Senec.
Ovid.

Consideração quarta.

A Perfeição Christã consiste em outras cousas, que os Gentios não alcançarão; porque he hum edificio de vida espiritual, tão alto como torre altissima. Este se levanta de virtudes sobre virtudes, & quando se chega a acabar, mora Deos no homem: donde se diz em o terceiro livro dos Reys, que quando Salamão acabou de todo o edificio da casa do Senhor, lhe appareceo Deos, entrando Sua Divina Magestade no Templo, que estava perfeito, & acabado. Quem se deter.

3. Reg. 9.

determina a seguir o caminho da perfeição, não procura fazer a Deos qualquer casa, mas muy grande casa, semelhante ao Templo de Salamão, que foi perfeitissimo, quanto se pôde imaginar. E ditoso aquelle que assim concerta, & aparelha a casa, & aposento de sua alma, que receba Deos cõ digno aparelho, o qual quando comfigo o tem, he Bemaventurado, & ditoso; mas entã ditosissimo, & muitas vezes Bemaventurado, aquelle que pretendendo alcançar a perfeição, edificou a Deos grande templo, aonde mais perfeitamente goze de Deos, & de merces suas. Muitos começaõ este edificio da perfeição, mas não vaõ com elle avante, de pressa canção. Olhe cada hum que lhe não diga aquillo, que a este proposito diz Christo por S. Lucas: *Hic homo cepit edificare, & non potuit consummare.* Este homem começou a edificar, mas não levou a obra ao fim. Da pouca perseverança destes diz Oseas: *Misericordia vestra quasi nubes matutina, & quasi ros mane pertransiens,* como se dissera: Que bens podeis esperar de mim, os que sempre faltais no bem? Muito vos houvera de dar, se houvera perseverar; mas o mal he, que os vossos bons intentos, o vosso bem obrar, he como nuvem da manhã, que em lhe dando os rayos do Sol, se desfaz, he como orvalho, que em amanhecendo passa; não tendes mais que bons intentos, & esses duraõ pouco tempo.

Luc. 14.

Oseas 6.

Casca de Romã.

Modestia, Pejo.

Consideração primeira.

Cant. 6.

Rupert.

A Casca da Romã he a que na sagrada Escrittura se chama *Cortex mali punici*, falou della o Esposo dos Cantares, comparando o rosto da Divina Esposa a ella, dizendo: *Sicut cortex mali punici, ita & genæ tuæ.* Por esta calca quer Theodoretto, Aponio, Ruperto, & outros Padres, que seja

seja significada a modestia, & tudo o que diz pejo, & vergonha; porque a casca da Romã tem de fóra sobre a brancura natural hũa vermelhidaõ graciosa, propriedade de rostos vergonhófos, que tendo algũa perturbaçaõ, mostraõ hũa cor rosada por cima da natural, porque com ligeireza acode o sangue àquellas partes superiores com mais espirito, & viveza, como mostrando-se aggravado, & offendido de alguma cousa que vio, ou ouvio, contraria a seu procedimento. O q̃ não acontece assim em sujeitos dissolutos de gente perdida, & viciosa; porque estes não tem vergonha, & se tem algum movimento, he de medo, & pavor, não lhes vindo o sangue ao rosto, mas acodindo ao coração, para defender sua fraqueza, quando temem sobressaltos. Outros ha que nem tem pejo, nem pavor, porque perderaõ o respeito a Deos, & aos homẽs, tendo o coração obstinado em algũas culpas. Por isso diz Nazianzeno, que quiz Deos que os bons se differençaassem dos malignos, rodeando aos bons de pejo, & aos malignos de desenvoltura, mostrando huns, & outros no rosto quem saõ, & que costumes professaõ. O Espirito Santo diz, que pelos sinais do rosto se conhece o avisado: *Ab occurssu faciei cognoscitur sensatus*, & no mesmo lugar diz, que a libré de que cada hum veste, o seu riso, & o seu andar, diz de cada hum o que he, & o que nelle se contem: *Amictus hominis, & risus dentium, & ingressus hominis enuntiant de eo*, saõ pagens porque se conhece o senhor, libré porque se differençaõ os homens. A modestia, o pejo, & vergonha, saõ vestidos de q̃ se adornaõ almas honradas, com estes mantos se cobrem, destes adereços se vestem. Estes quer o Apostolo que manifestemos a todo o mundo, quando diz que a nossa modestia seja conhecida de todos os homens: *Modestia vestra nota sit omnibus hominibus*. Quando vemos pagens vestidos de algũa libré, sabemos a que senhor servem, & se vem acompanhando diante, ou de redor, entendemos quem alli vai; assim quando vemos gente modésta, & vergonhosa com a libré do pejo,

Nazian.

Eccl. 19.

Eccl. 19.

Philip. 4

pejo, & honestidade, entendemos a que senhor servem, & acompanhaõ: pelo que he de advertir, que quando o Apõstolo diz, que appareçamos com o vestido da modéstia, ajunta logo, que o Senhor està perto: *Dominus enim prope est*, aonde vem modéstia, pejo, & gravidade, final he que o Senhor està alli perto; porque estes criados dizem, que não vê de longe, mas que està alli: *Dominus enim prope est*. Pois q̃ cousa ha mais fermosa, que a modéstia? Que vestido mais rico, que o pejo honroso? Modéstia no vestido, modéstia na acção, modéstia na prattica, & conversação, he a cappa de q̃ vos cobris, vestido, & ornamento, que vos faz conhecido a todo o mundo.

Pois diz S. Gregorio Nisseno, comparar o Esposo as faces de sua querida às exteriores partes da Romã, foi louvar seu virtuoso pejo debaixo do enigma da Romã; porque assim como esta sustenta, & conserva a doçura do fructo, que dentro tem, assim o pejo, & modéstia alentaõ, conservaõ, & fruttificaõ as mais virtudes, que dentro da alma se contem:

Bernar. *Adverte sponsa verecundiam*, diz S. Bernardo: olhai o santo pejo da Alma Santa, que não sey se nos costumes do homem ha cousa mais agradavel que elle. Deste, como de bella flor, se deve acompanhar a mocidade, não porque em toda a idade não se haja de ter o que he ornato de todas as idades, mas porque a graça desta virtude mais contenta, & agrada naquella primeira idade. Que fermoso ornamento he o da modéstia? Que rica perola no rosto do menino, & do mancebo? Que tão certa pregoeira de boas esperanças, final de sua boa criação, testemunha da innocencia, alampada da honesta alma, que sempre luz, defensora da natural pureza, gloria da consciencia, guarda da fama, honra da vida, assento da virtude, & primicias de todas as virtudes, louvor da natureza, dom que dá gentileza, & graça a quem o tem. Bem sabeis (diz este Santo) que vosso Divino Esposo he modesto, & vergonhoso, pareceivos com elle, porque vos não estranhe; vede que
vos

vos não quer ver, & falar à vista de outrem: *Secede, sed mente, non corpore*, apartaivos, não com o corpo, mas com a alma, mas com a tenção, com a devoção, com o espirito em deserto vos quer para vos falar ao coração.

Bernar.

Consideração segunda.

O Espirito Santo diz, que ha pejo, que traz consigo peccado, & pejo que traz consigo bem; porq̃ aquelle que se envergonha do mal que fez, vai-se chegando (como diz S. Gregorio) para a liberdade da vida. E o que tem pejo de obrar bem, vai descaindo do bom estado para o de sua condenação, como o Redemptor do mundo por S. Lucas diz: Aquelle que se envergonhar de mim, ou das minhas palavras, o Filho da Virgem se envergonhará d'elle, não o conhecendo quando vier com sua magestade. Pois aquelle se déve chamar defensor da verdade, que nem recea, nem se envergonha de falar o bem que sente. Deste pejo que alguns tem de se não atreverem muitas vezes a dizer verdades, & reprehender com espirito, parece que falava S. Paulo, quando dizia a seu discipulo Timotheo: *Noli erubescere testimonium Domini, & me vincitum ejus*. Olhai Timotheo, que vos não envergonheis nunca de prégarde a verdade do Evangelho, que he o testemunho do Senhor, & tambem quando inimigos vossos, & meus vos lançarem em rosto, que sois discipulo de hum Mestre, que anda carregado de ferros, por carceres, & masmorras: *Et me vincitum Domini*, não vos faça isso as faces vermelhas, porque mais padeço eu, & mais não me envergonho: *Hæc patior, & non confundor*; antes nunca me tive por mais honrado, que agora com estas algemas, & grilhões. E sou eu tão bom alquimista, que todo este ferro que trago sobre mim, hey de converter em ouro, de q̃ Deos me fará collares ricos, que me lance ao pescoço: por hora *Noli erubescere*, não vos corrais do officio que tendes,

Eccl. 4.

Gregor.

Luc. 9.

2. Tim. 1.

2. Tim. 1.

K

que

que fois jornaleiro da vinha do Senhor, & o jornaleiro não se envergonha de trabalhar, nem de tomar a enchada na mão.

A vergonha muitas vezes tira a muitos de commetter mal, & dahi fazem argumento, que se por respeito humano se deixa de fazer mal, quanto mais pelo divino. Assim succede, que com menos mal se escusa outro mayor, como he emendar culpa interior com pejo exterior. Muitos ha, que depois de perder o respeito a Deos, perdem tambem a vergonha ao mundo; & assim os males que fazem, sem vergonha os fazem; porque para os fazerem, malicia propria os incita, & pejo nenhum os afasta, como o Senhor disse de hum Juiz, que nem tinha temor de Deos, nem vergonha do mundo: *Qui Deum non timebat, nec homines verebatur*; era homem que tinha perdido a vergonha a Deos, & aos homens; dous males juntos que Deos castiga com grande rigor, como castigou a gente daquellas infames cidades, havendo muitos que na desenvoltura de offensas divinas não deixaõ de a imitar, como diz Isaias: *Peccatum suum sicut Sodoma predicaverunt*. Peccaõ sem temor de Deos, & jactaõse dos peccados que commettem, nenhum pejo tem disso, grande castigo se lhes guarda.

*Luc. 18.**Isai. 3.**Consideração terceira.*

DO peccador quer Deos pejo, & vergonha, isto espera d'elle, & tem por satisfação, que se corra de males commettidos. A vingança do pejo quer que lhe fique por castigo. Muito se agrada de ver quem se envergonha de o ter offendido. Santo Ambrosio diz, que por isso louva o Esposo as faces da Alma Santa, dizendo que lhe parecem fermosas: *Quàm pulchræ sunt genæ tuæ*, porque então lhe parecem rosadas, que estão corridas, então fermosas que a alma está rendida. O Profeta David dizia, que todo dia o pejo

Cant. 1.

andava diante delle, & a confusão do rosto o cobria: *Tota die verecundia mea contra me est, & confusio faciei meae cooperuit me*; sobre o que diz Cassiano, que he louvavel vergonha aquella, que se não acaba logo, nem passa de pressa, senão a que dura todo dia, cobrindo não sómente a face com cor de sangue, mas tambem a alma com dor do espirito. Pelo q̄ aonde houver commetter peccados, haja pejo da commissão delles, & não pejo da confissão, & conhecimento delles, que este he o pejo que traz consigo a morte. Se David o não teve para peccar, nem depois o teve para o confessar: *Ecce labia mea non prohibebo, Domine tu scisti*, dizia elle. Senhor, não me correrei de falar, & confessar meu delitto, como vós fazeis, que se me não corri de vos offender, nem hoje me corro de vos manifestar minha culpa, para esperar o perdão della. Assim diz S. Bernardo, que o bom pejo afugenta o opprobrio, & aparta lha gloria, ou em quanto não admite peccados, ou por penitencia paga os commettidos, & pela Confissão os lança fóra. E alcançou tanto Seneca do merecimento deste pejo, que disse: *Proximum ad innocentiam tenet locum verecunda peccati confessio.*

Cassian.

Eccl. 4.
Psal. 36.

Consideração quarta.

A Modestia, o pejo, & vergonha foraõ dões muy estimados dos antigos, & muy louvados em aquelles que foraõ dotados delles. Vio Diogenes Synico a hum mancebo, q̄ acaço estava corrido, & envergonhado, sem saber o que disse, & disse lhe que estivesse de bom animo, porque a cor que tinha em o rosto, era a da virtude: *Bono animo esto fili, istiusmodi est virtutis tinctura.* Esta he a tinta, com que se faz a pintura da virtude. Cataõ Senior dizia, q̄ muito mais lhe contentavaõ os moços, q̄ por causa do pejo mostravaõ no rosto cores rosadas, q̄ amarellas, & pallidas; porque a rosada manifesta boa criação, & a pallida malicia, & refoho. He excellête

Laert.

Plutar.

Stobens.

aquella sentença de Democrito: *Disce te ipsum multò magis, quàm alios revereri.* Nem quando estiverdes só cuideis mal, ou façais mal, & aprendei a terdes mais pejo de vòs, que dos outros. E Seneca a este proposito diz, que assim façamos tudo, como se alguém nos estivesse vendo, porque aproveita muito imaginardes que tendes quem vos vigia, & he juiz de vossos pensamentos, para vos correrdes, não só de fazerdes mal, mas nem ainda cuidar nelle: *Sic fac omnia, tanquam spectet aliquis.* Fazei as cousas, como que alguém as vê. Homero tambem teve conhecimento que havia pejo danoso, & pejo virtuoso, como acima fica ditto.

*Homer.**Valde pudor mortale genus leditque, juvatque.*

E quer dizer: o pejo ou dana muito, ou aproveita muito ao genero humano; faz mal àquelle que por timido deixa de acometer cousas boas; faz bem ao q se perturba, & altera de ver cousas mal feitas: *Quisquis pudore vacat, non sentit dolorem ex turpiter factis,* homem que não tem vergonha, nenhũa dor sente das cousas mal ordenadas; mas o que facilmente se envergonha, cedo se perturba, & move, não sómente com o mal que vê, mas com o que tem sombra de mal.

Plutar.

O pejo que faz mal, se mostra no que succedeo a Zenon Filosofo, que encontrando acaso hum mancebo seu amigo, que se escondia de outro, - porque o importunava para testemunhar falso em certo negocio: *Quid agis, inquit, ignave?* Que fazeis aqui homem covarde? Vosso amigo não teve pejo para vos afrontar, com vos indusir a tanto mal, & vòs o tendes em tornardes pela justiça, & acodir pela verdade? Lançai de vòs tal pejo, & tal vergonha, & aonde elle a não teve para o mal, não a tendeis vòs para defender o bem.

Stobens.

Quid agis, inquit, ignave? Que fazeis aqui homem covarde? Vosso amigo não teve pejo para vos afrontar, com vos indusir a tanto mal, & vòs o tendes em tornardes pela justiça, & acodir pela verdade? Lançai de vòs tal pejo, & tal vergonha, & aonde elle a não teve para o mal, não a tendeis vòs para defender o bem.

Vinho de Romãs.

Lagrymas.

Consideração primeira.

O S grãos da Romã espremidos lanção de si lagrymas de licor purpureo, de que em muitas partes se faz vinho de muita doçura, & suavidade. Deste licor se fala em a Divina Escrittura, quando no oitavo capitulo dos Canticos diz a Alma Santa, que ha de dar a seu Divino Esposo: *Poculum ex vino condito, & mustum malorum granatorum meorum.* Hum côpo de vinho composto de confeições aromaticas, & mosto das suas romãs. O que declarando os Doutores sagrados, dizem que no côpo de vinho offerece a Alma a Deos desejos de derramar por elle seu sangue, pois elle o derramou por ella. E no licor das suas Romãs offerece lagrymas de devoção, & compuncção, que ao mesmo Deos haõ de parecer doces, & saborosas. Como se differa: *Dabo tibi poculũ, &c.* Senhor, pelas infinitas merces, que me tendes feito, determino em gratificação offerecervos meu proprio sangue, se me for possivel derramallo por vòs; & assim mais vos offereço hũ côpo de lagrymas minhas, espremidas de dobrado amor, assim para com vosco, como para com o proximo, & por isso minhas, porque sahem de meus olhos, como as pingas dos grãos da Romã. Os Anjos nos Ceos offerecem-vos louvores soberanos, os Santos em a terra offerecem-vos contemplação, & oração, eu que vos posso offerecer, senão lagrymas de meus olhos: *Mustum malorum granatorum meorum*, que eu sei quanto estas vos agradaõ, & a vontade com q̃ as recebeis. São Anselmo, Aponio, Ruperto, & Theodoreto, declarando este lugar dos Cantares, isto querem significar, entendendo pelo mosto das Romãs lagrymas, cõpuncção, desejos de martyrio, & de padecer tribulações por amor de Deos.

Cant. 8.

Anselm.
Aponio.
Rupert.
Theod.

Consideração segunda.

T Em as lagrymas raras excellencias, porque primeiramente falaõ, & pratticaõ muito bem, como se tivessẽ voz humana: *Oculus meus afflictus est, nec tacuit*, diz Jeremias. O termo eu afflicto, & derramado lagrymas de meus olhos, o mesmo foi que falar, & não ter silencio; porque como meus olhos romperão em lagrymas, romperão em palavras, & significarão mais, do que palavras podião dizer. E muito he o q̃ os olhos dizem, quando chorão, muito o que declarão. Por isso David estava contentissimo, que suas lagrymas estivessem à vista de Deos, ou q̃ Deos as pusesse à sua vista, porque ellas arzeoarião muy bem por elle: *Posuisti lacrymas meas in conspectu tuo*. Pusistes Senhor minhas lagrymas à vossa vista, para as verdes, & ouvirdes, como cousa que vos dà gosto, musica que vos agrada, palavras eloquentes que vos suspendem, & elevão. Que parece que aflim como ninguem sabe tirar os olhos da cousa em que tem gosto, nem Deos os tira das lagrymas que vè correr, porque leva gosto em as ver derramar, & de ouvir sua eloquencia, como de linguas de muita erudição: *Et tamen hæ lacrymæ pondera vocis habent*, dizia Brises a Aquilles, que as suas lagrymas tinham peso, & vigor de palavras, porque quem chora, muito significa. Santo Ambrosio diz que lagrymas alcanção muito: *Lacrymæ tacite preces sunt, veniam non postulant, sed merentur*. Lagrymas parecem que callão, mas são linguas que rogão, & fazem instancia, são supplicas de muita efficacia, não pedem perdaõ, mas logo o alcanção. Quando S. Pedro negou a Christo, que se converteo a elle, não lemos que falasse, que abrisse a bocca, ou fisesse grandes exclamações, senão que chorou amargosamente: *Flevit amarè*, não acho o que diffesse, (diz Ambrosio) nem o que falasse: *Non invenio quid dixerit*, acho que chorou, & não que

que falou; leyo de suas lagrymas, & não de suas palavras: não de outra oração que fizesse, nem satisfação que tivesse, senão que chorou amargamente. Com lagrymas lavou o delitto q̄ teve pejo confessar com a bocca, porque são ellas orações que não pedem perdão com a voz, mas alcanção no com o merecimento; não allegão justiça, & achão misericordia. Antes tem de excellencia, que palavras muitas vezes enganão, lagrymas não enganão. A practica nem sempre manifesta o negocio que trata, mas as lagrymas descobrem todo o affecto. Por isso não usa Pedro de palavras, com as quaes negou, & perdeu a Fé, porque o não deixem de crer, usa de lagrymas, em que não ha engano, nem suspeitas, & são boas testemunhas da dor que se padece, sinaes certos do coração, que está ferido, linguas que se declaram bem, embaxadas que se mandão ao Rey da Gloria, dadas que quebrantão penhas: porq̄ para Deos não ha dadas como lagrymas, que o rendem. Quem tiver culpas soborne com ellas a Divina Justiça, se a quer render; porque ainda que a sentença esteja dada, lagrymas a farão revogar. Nos juizos seculares, dada a sentença de morte, não ha revogar-se, & por mais que a pessoa chore, ha de morrer sem remissão: no juizo de Deos dada sentença de morte pelo peccado cometido, lagrymas do delinquente alcanção perdão, & revogaõ a sentença. Por isso chama Christo Bemaventurados aos que choraõ, porque com lagrymas apagaõ delittos, & alcanção graça, & gloria: *Magnus profectus lacrymarum*, diz Chrystomo. Grande he o proveito das lagrymas. Ellas reconciliaõ o servo à graça do senhor, com ellas o filho mitiga, & abranda o pay, & o peccador afasta de si a ira de Deos, que folga muito de ver chorar a quem erra, daõlhe gosto lagrymas de coração contrito. Assim dizia S. Paulo a Timotheo seu discipulo, que desejava muito velo lembrado de suas lagrymas: *Desidero videre te, memor lacrymarum tuarum*; porque se alegrava de lhe ver de continuo o rosto banhado em lagrymas, que eraõ sinaes do fogo

Mat. 13.

Chryf.

2. Tim. 1.

do amor divino, que dentro em seu coração ardia. E assim
 são estas muitas aonde se acende este ardente fogo, como diz
August. Santo Augustinho: *Lacrymæ multæ, ubi spiritalis ignis
 accenditur.* E como lagrymas procedem de fogo, tem esta
 propriedade, que saindo pelos olhos, não descem para baixo;
 mas sobem para cima, & chegando como fogo à sua esfera,
 convertemse em vivos raios. Sobem contra seu natural, &
 quanto mais vão ao alto, fazem descer abaixo a misericordia
 de Deus. Em fim lagrymas no Ceo vão parar, que se o mar
 de misericordias está sobre os Ceos, lagrymas são rios, & rios
 todos correm ao mar: *Flumina intrant in mare.* Lá vão
Eccl. I. dar nesse immenso mar de misericordia. Crescem lagrymas
 como chuvas em a tempestade. E se apoz a tempestade vem
 bonanças, a poz a chuva Sol, a poz lagrymas apparece o Di-
 vino Sol de Justiça, a poz o pranto vem consolações do Ceo.

Consideração terceira.

Pf. 125. **L**agrymas por onde correm, vão fazendo sementeira, de
 que se colhe copioso fructo: *Euntes ibant, & flebant*
 (diz David) *mittentes semina sua,* como se dissera: chora-
 vão, & semeavaõ, porque quem chora semea, & depois reco-
 lhe abundantemente, colhendo gostos de trabalhos, & de la-
 grymas consolações. E por isto diz logo, que aquelles que se-
 mearaõ lagrymas, virão com alegria trazendo as mãos cheas
Pf. 125. de fructos que recolherão: *Venientes autem venient cum
 exultatione portantes manipulos suos.* O que se semea sem
 lagrymas, se chega a nascer, não chega a dar fructo; porque
 terra sem agoa que fructo ha de dar? *Anima mea sicut terra
 Pf. 142. sine aqua tibi.* São lagrymas agoa que regaõ a terra para dar
 fructo, & tem mais, que sendo agoas da terra, regaõ ao Ceo.
 São lagrymas não sòmente rios que correm ao mar, mas são
 diluvios aonde se afogaõ peccados, como diz Nazianzeno.
 Peccados do mundo ficãraõ alagados com as agoas do dilu-
 vio,

vio, peccados agora ficão afogados no diluvio das agpas, q̄
 faõ as lagrymas. E como diz Chrylostomo, tem força, & vir- Chryf.
 tude para apagar o incendio do inferno. Se aquella pinga de Luc. 16.
 agoa, que o Rico Avarento desejava no inferno para refri-
 gerio do fogo que padecia, assim como a desejava depois da
 morte, a derramara na vida por seus peccados, bastante fora
 para lhe apagar esse fogo, que já entãõ se lhe apparelhava; mas
 quem na vida não derramou hũa lagryma por suas culpas, jus-
 to he que no inferno suspire por hũa pinga de agoa, para re-
 frigerar o fogo que padece por essas culpas. E quando se es-
 tas derramaõ em vida, saõ de tanto valor, que hũa só lagryma
 apaga grande fogo da ira de Deos. Assim mandou Deos dizer 4. Reg. 20.
 por Isaias a El-Rey Ezequias: *Vidi lacrymam tuam*. Tinha-
 vos mandado dizer, que cedo havieis de morrer, & que dif-
 pufesseis de vossa casa, fostes taõ avisado, que ouvindo este
 recado, chorastes. Hora eu vi a vossa lagryma, & revogo a sen-
 tença, ainda vos dou de vida quinze annos, & daqui a tres
 dias ireis ao Templo. E se Deos diz que revoga a sentença de
 morte, porque vio hũa só lagryma, que não farà quando las
 lagrymas forem muitas? Ou se forem como rios, quaes Jere-
 mias quer que se derramem: *Deduc quasi torrentem lacry-* Thren. 2.
mas. Derramai lagrymas como rios de agoas, & como David Psal. 41.
 as derramava de dia, & de noite, dizendo: que essas eraõ o
 seu paõ, & seu refrigerio; porque quem as chora com espiri-
 to do Ceo, acha nellas grande alivio, & consolação, tendo-
 as por manjar saborosissimo. Assim suspirava Santo Augusti- August.
 nho por aquelle tempo de sua conversãõ, em que tinha abun-
 dancia de lagrymas: *Fluebant lacrymæ, & bene mihi erat*
cum illis. Corriaõ de continuo as lagrymas de meus olhos, &
 entãõ me hia bem: andava consolado, & alegre. E se Deos fal-
 ta muitas vezes com esta consolação de lagrymas aos seus es-
 colhidos, ahi se verá que saõ lagrymas riquellas, q̄ Deos muito
 estima; pois com dar cada dia muitos favores às almas, que o
 amaõ, as lagrymas nem sempre lhas dà; & quando as dà, he
 mimo

mimo particular, que lhes faz, & assim ficaõ ellas sendo muy suaves a quem as derrama por amor de Deos; porque ainda quando o coração està triste, com ellas desabafa, & tira a dor, & tristesa, que a alma padece.

São lagrymas taõ fortes, que de hum certo modo fazem força a Deos, & o vencem. Lutou Jacob com Deos toda a noite: as forças com que lutou, dizem que foraõ lagrymas, conforme o testemunho de Oseas, que falando d'elle, diz: *In fortitudine sua directus est cum Angelo, & invaluit ad Angelum, & confortatus est: fleuit, & rogavit eum*, o q̄ vem a dizer: Entrou Jacob em peleja com o Anjo, teve-se com elle em a sua fortaleza, prevaleceo para com o mesmo Anjo, & tomou forças, as quaes consistiraõ em as lagrymas que derramou, & nos rógos que lhe fez: *Fleuit, & rogavit*, de modo que a sua luta foraõ lagrymas, as suas forças lagrymas, & o seu vencimento consistio em lagrymas: *Fleuit*, chorou, & venceo ao mesmo Anjo; porque lagrymas são as que o rendem na mayor luta, & guerra, que hũa alma com elle póde ter.

Consideração quarta.

O Divino Esposo compára os olhos da Alma Santa aos tanques, ou piscinas de Hesebon, que estavaõ à entrada da Cidade de Hesebon, junto a hũa praça que chamavaõ *Porta filie multitudinis*; diz pois que são seus olhos como piscinas, porque da meditação, ou compuncção de hũa alma hão de correr abundancias de lagrymas, que fação tanques. Hesebon quer dizer, cinto de dor: *Cingulum doloris*, porque a alma que se rodea, & cerca de dor, & de meditações da Payxaõ de Christo, com as lagrymas que derrama, póde fazer piscinas grandes. E por isso piscinas, & não fontes, ou rios; porque as piscinas, & tanques servem de lavar, & conservar peixes dentro. As lagrymas lavão a hũa alma chea de maculas, deixão-na limpa, & pura. Tambem conservaõ os

bons

bons desejos, significados em os peixes, porque (como peixes) correm, & vão os desejosa diversas partes com muita ligeireza. Estão estas piscinas à porta da filha da multidaõ, porque se entende o mundo. Lagrymas só no mundo as ha, nesta confusaõ, & multidaõ do mundo se derramaõ, que quanto na outra vida: *Absterget Deus omnem lacrymam ab oculis sanctorum*, naquelle lugar alimparà Deos as lagrymas dos olhos dos Santos. O mundo tambem se chama valle de lagrymas, aonde todos tem tanques, & piscinas de agoas, porque todos temos occasiaõ de chorar muitas lagrymas, porque esta he a fazenda que nos ficou depois da inobediencia de nosos primeiros pays. Mas como diz Chrystomo, o q̄ Deos nos deu em pena, converteo depois em saude. O peccado gérou a dor mãy das lagrymas, & esta dor gérendo as lagrymas, matou depois ao peccado. E assim como o bicho nascendo em a madeira, roe depois, & come a essa madeira, de que nasce: assim a dor introduzida no mundo pelo peccado, comeo, & tragou a esse peccado, & isto por virtude das lagrymas, que tem de natureza comer peccados. Assim se chamaõ as lagrymas esponjas de peccados; porque como a esponja chupa, & chama a si a agoa, assim as lagrymas chamaõ, & sorvem em si multidaõ de peccados. Estas como fica ditto, são significadas em o vinho das Romãs. Estas as que a alma offerece a Deos. Estas lhe offereça cada hum de nós: *Poculum malorum granatorum meorum.*

Incenso.

Oração.

Consideração primeira.

Arvore que dà o Incenso, (diz Plinio) que sómente se acha na regiaõ Sabéa, celebre no mundo, pelo Incenso, que por todo elle reparte. Até o seu tempo, & muito depois

Plinius.

depois disso não houve saberse que arvores essas fossem, nem o soberão dizer huns Embayxadores, que em tempo de Plinio vieraõ de Arabia a Roma ; mas sabe-se que se dão em hũs arvoredos, que aquella gente tem em muita veneração, colhendo delles duas vezes no anno o Incenso, (de que os troncos estaõ cubertos) o qual com muitas ceremonias arrancaõ, & trazem às suas povoações, dando dizimo delle aos sacerdotes de hum seu idolo, chamado Sabin. Conhece-se a bondade do Incenso na altura, grandesa, & delicadesa delle, & no arder depressa quando o lançaõ no fogo. Na sagrada Escrittura se fala muitas vezes em Incenso, com o qual mandava Deos que se lhe perfumasse o Altar, sendo esta a principal cerimonia, que havia nos sacrificios antigos, & ainda hoje he na Ley da Graça. O significado que tem, notorio he em a mesma Escrittura, dizendo David, que como Incenso seja sua oração dirigida à presença de Deos: *Dirigatur Domine oratio mea sicut incensum in conspectu tuo.* Assim diz S. Gregorio, que pelo Incenso, que a Deos se offerece, se entende a virtude da oração. Santo Augustinho diz, que a oração puramente dirigida do coração fiel, assim sóbe a Deos, como o Incenso do Altar se levanta às nuvens. S. Chrystomo chama Incenso puro à verdadeira oração, cujo cheiro alegra a Deos, & à sua vista fica sendo muy agradavel. Quereis saber (diz elle) quão preciosa seja a oração? Nenhũa virtude he semelhante ao Incenso, que se offerece a Deos, senão a oração q̄ fazemos a esse Senhor. Deixa-se ver na revelação do Evangelista S. Joaõ, aonde hum Anjo principal se poz defronte do Altar com hum thuribulo de Incenso muy cheiroso em as mãos, que logo declarou que eraõ as orações dos Justos offerecidas a Deos. Assim como a suavidade do Incenso bem composto deleita ao homem, assim he a oração do Justo suave a Deos. Quereis saber a sua dignidade, diz este Santo Doutor, no mesmo instante que a oração sahe pela bocca de quẽ a faz, he recebida nas mãos dos Santos Anjos, & offerecida ante

*Ex. 29.**Lev. 4.**2. Mac. 2.**Pf. 140.**Gregor.**August.**Chryf.**Apoc. 8.**Chryf.*

ante o throno de Deos, como disse o Anjo a Tobias: *Ego sum* Tob. 12.
qui orationem tuam obtuli ante Deum, eu sou o que offere-
 ci tua oração a Deos, pois se quereis saber a sua virtude. A ora-
 ção dos tres meninos fez que o ardente fogo da fornalha, aõ-
 de forão lançados, não os queimasse, nem fizesse mal algum,
 antes os recreava de sorte, que parecendo chamma em a ef- Dan. 4.
 pecie, era na obra alivio de fresca sombra.

O mesmo S. Chrysoftomo sobre aquelle verso: *Dirigatur* Chrysf.
oratio mea, do Psalmo quarenta, nos ensina, que nossas ora- Psal. 40.
 ções sejam puras, & cheirosas, porque tal he a justiça. E assim
 como o Incenso per si he cheiroso, & então muito mais chei-
 roso, quando o lanção nas brazas: assim a oração per si mes-
 ma he boa, & de muy suave fragrancia, & então muito me-
 lhor, quando he offerecida com ardente, & fervoroso animo,
 & quando o coração inflammado se faz thuribulo, que se
 acende no vehemente fogo da caridade. O Incenso não se lâ-
 ça, se primeiro não houver fogo aceso, & sem que ardão as
 brazas: *Hoc ipsum fac tu quoque*. Isto mesmo fazei vòs em a
 vossa alma, acendei-a primeiro com a promptidão, & viveza Chrysf.
 de espirito, & com soberana alegria do coração, a poz isso
 lançai o Incenso, offerecei vossa oração, ponde o espirito nas
 brazas da devoção, & vossa viva fé no fogo da meditação, do
 jejum, da penitencia, que tal oração como essa sóbe depressa
 ao Ceo, & fica de suavissimo cheiro ao Senhor que a recebe. E
 para mais depressa subir ao Ceo, diz Santo Augustinho; que August.
 a oração tem duas azas ligeiras em voar às nuvens: estas são
 as que faz o jejum, & a esmola.

Consideração segunda.

A Oração he hum lugar de todo prazer, húa casa de re-
 criação, aonde Deos põem aquelles que favorece: *Adducam eos in montem sanctum, & letificabo eos in do-* Isai. 53.
mo orationis meae, diz Deos por Isaias. Aos que eu trazer